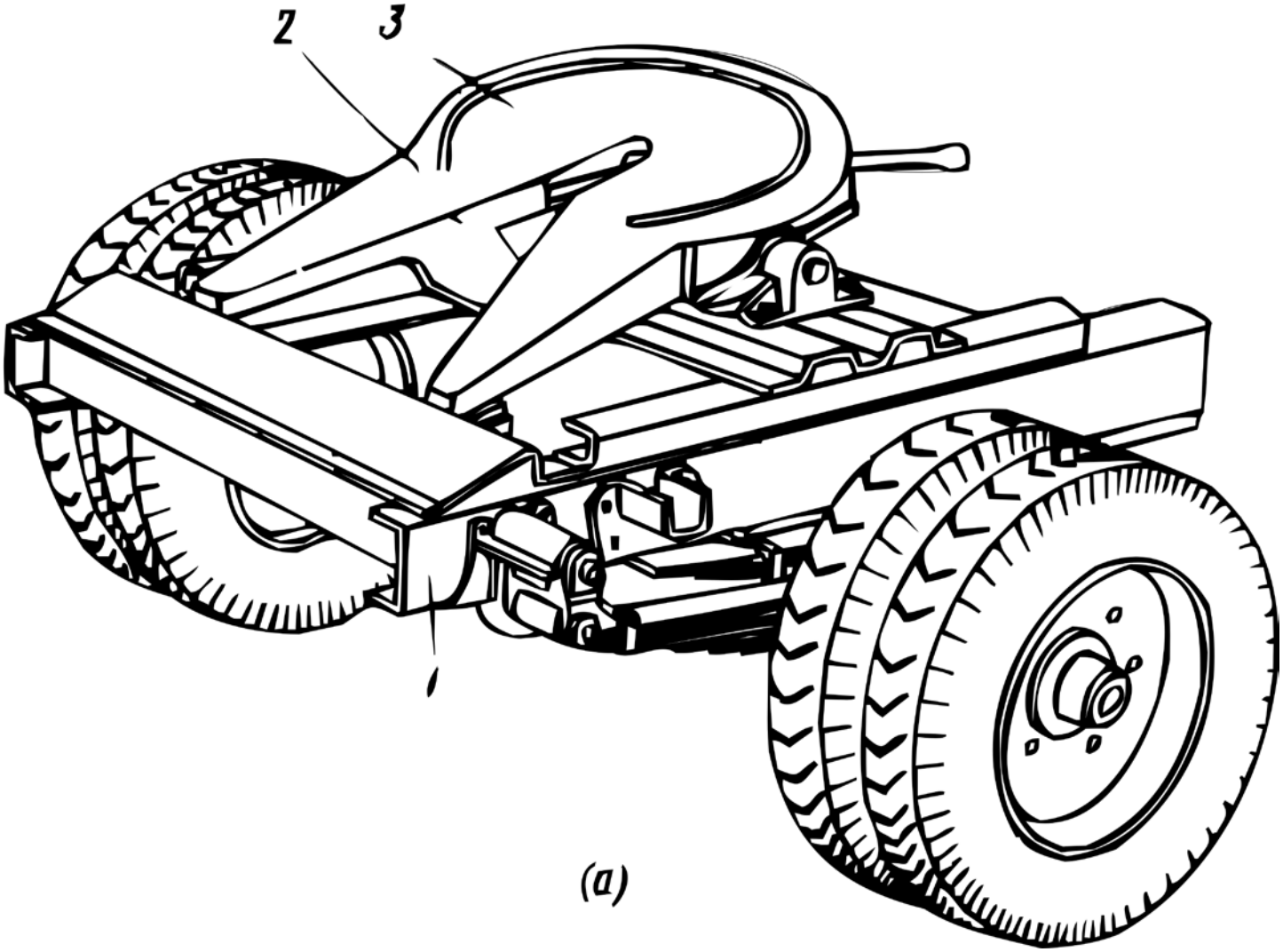


(a)

editorial

A **Revista de Autofagia** é uma autoprodução. Para além do caráter explicitamente tautológico da afirmação, isto significa sobretudo que ela foi feita dentro de um conceito que leva adiante a máxima anarquista do "faça você mesmo". Autoprodutores são criadores que pretendem dar conta de todo o processo da cadeia produtiva em que atuam. Criam, produzem, divulgam, distribuem, ensinam e, não raro, consomem seus próprios produtos. Autoprodutores são autófagos por natureza. Além de outras coisas, isso significa também, e principalmente, que eles são não-especialistas. Atuando em maior ou menor grau em todos os elos da cadeia, vão na contracorrente da ultra-especialização fordista imposta aos operários da Indústria Cultural. São (somos) os operários da Contra Indústria. Não por acaso, a maior parte dos colaboradores aqui possui uma trajetória que aponta para essa nova forma de produção.

Como não poderia deixar de ser, este primeiro número da **Revista de Autofagia** se alimenta de um cardápio variado, sendo que muitos dos trabalhos aqui presentes abrangem mais de uma linguagem e abordagens as mais diversas.

Por fim, talvez seja útil dizer também que a **Revista de Autofagia** surge como conseqüência de um longo processo digestivo que vem sendo engendrado desde pelo menos o modernismo no organismo da cultura brasileira. Agora é chegado momento da autoconsumação.

Sirvam-se à vontade!

MAKELY KA

por |mario domingues

melhor a emen

Amarildo Anzolin sugou o sumo da vanguarda: pesquisa e experimentação na busca por novas formas. Seu primeiro livro, co-lapso (Ed. Ossos do Ofício, 1995) já conjuga o poema visual a um tipo de verso muito livre, em casos raros de versificação rígida. Nesse ponta-pé inicial, Amarildo não aboliu totalmente o verso, ele o tem como um modo secundário de fazer poesia, levando em conta a preponderância do poema visual no todo de seus poemas. E isso talvez não fosse digno de nota, não fosse a maior parte da nova poesia brasileira (90 pra cá) feita de versadores, bons ou não, versemakers.

Em co-lapso há experimentos tipográficos, com variação na disposição das linhas de texto (horizontais, verticais ou diagonais), na dimensão e nos tipos de fontes, amplo uso do branco como espaço significante, poemas-colagem e poesia não-verbal. Com um alcance múltiplo, Anzolin pratica uma poesia coloquial, direta e objetiva, mas com uma sintaxe elíptica e muitas vezes pautada antes pelos elementos musicais da poesia (uma arte combinatória, como queria Jakobson) que por uma lógica do discurso. Outra constante é sua objetividade coisal, da palavra vista como coisa, e também pela palavra se remeter a coisas palpáveis, substantivos concretos, demonstra a presença de João Cabral como leitura fundante. Mas traz também traços de Arnaldo Antunes. Em certos poemas Amarildo destila seu niilismo com a frieza fúnebre de um Augusto dos Anjos. Ainda na seara das leituras e influências, vale dizer que a força da poesia concreta é presente não só enquanto conjunto de valores, mas com influência direta de Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, justo em características que os diferenciam entre si. Para Anzolin, a poesia concreta nunca foi um bloco de concreto. Mesmo assim, rigorosamente, ele não escreve sequer um poema concreto, de acordo com as diretrizes do plano-piloto daquele movimento.

No poema sem título que se inicia por “eu vou morar embaixo da terra”, em que a mancha do texto está verticalizada, Anzolin apresenta um texto em fluxo nem prosa, nem verso, poesia: percebe-se um ritmo, marcado por explorações sonoras ruidosas entre rimas toantes. Aqui o rastro de Galáxias, de Haroldo de

fotos |karin bianchini

da que o soneto

Campos, também por glosar o emblema da (não-) viagem: "... / vou morar em outra esfera mesmo que/ tenha ar não vou respirar não vou para o céu vou ser fóssil não vou para/ a lua para a china para a oceania não vou ter lucro vou ser adubo/...". Outra verve plástica é sua escrita caligráfica. O poema, que vou chamar de "céuchão" (no livro não há título, número de páginas nem índice) é construído de modo notável. Com as letras de fôrma de Anzolin, ligeiramente irregulares, é uma aglutinação de coisas (palavras) entre o céu e a terra, e a disposição (33 linhas ou versos) acompanha o movimento descendente, simetricamente. Esse 33 me é bem familiar: é o número de cantos do Purgatório e do Paraíso da Divina Comédia (o Inferno têm 34, mas como o último é um rápido caminho de volta ao purgatório, considera-se que também o inferno tenha 33 cantos). Nesse poema há uma gradação entre aéreos ("céu/ ar/ sol/ satélite"), híbridos ("queda/ montanha/ precipício") e terrenos ("areia/ mar/ abissal / chão"), que se aglutinam em campos limítrofes e ao mesmo tempo porosos. Entre as linhas 11 e 12 do poema, encontra-se "fumaça/ queda", que marca uma passagem do volátil ao ponderável. Entre as linhas 21 e 22 temos "antena/ telha", ambos híbridos, mas a antena vive no ar, a telha é feita de barro. É possível perceber como a dissolução gramatical e discursiva, com a presença massiva de substantivos, dita um ritmo que chama a leitura oral. Certo despojamento de seu gesto caligráfico nesse poema me remete também ao poeta Edgard Braga.

Em igual (Edição do Autor, 1998), Anzolin segue a mesma linha de pesquisa plástica aliada ao verso livre e tem bons poemas em ambos os âmbitos. "Braille", poema erótico e metalingüístico, de voltagem leminskiana, rápido, mas pesando cada um dos fonemas. Há o "umbigo do céu": "o sol é /o /umbigo/ do/ céu", com as fontes estouradas destacando a circularidade das letras "o", "b", "d", "c", "u" e "g" sobre um fundo de impressão digital. Vale destacar que a letra b, está quase no centro do poema, com a fonte maior que a das outras letras, próximo ao cerne da espiral da digital. Para Anzolin, a letra "b" é o umbigo do umbigo. Outro aspecto é a circularidade da impressão digital, que simula um sol e

sua irradiação. O poema "na poça", que por efeito de tmese (herança da poesia da antiguidade), entrecruza duas partes do poema, fazendo as sílabas da proposição ("NA POÇA D'ÁGUA", caixa alta) se estenderem separadas por todo o poema, interrompendo a todo momento o fluxo sintático. É extremamente frutífera a visão, ora antagônica ora confluente, do arco-íris refletido na poça d'água: a poça é chã e suja, o arco é limpo e lírico, mas os dois são efeitos de luz e água. A diagramação fragmentada sugere uma distorção na imagem refletida, fiel imagista da deformidade do reflexo. Na veia, cummings, que atomizou a função dos parênteses até a fragmentação da própria palavra e também pela precisão imagética.

Outro poema visual digno de nota é "poesílabas", em que as palavras estão escritas em calcinhas e sutiãs, que flui de uma veia erótico-irônica, de Gregório, Oswald e Pignatari. Também com uma tensão pignatariana, a um tempo concisa e cáustica, é "não sou + eu", em que a religião sofre com a iconoclastia do poema visual moderno (ela, que tanto se servira dele como badulaque iconográfico). O sinal de mais aparece como uma cruz, e aqui, a carregar. Quanto mais cristão, menos eu. A religião católica pegou todo mundo pra cristo, menos eu.

O trabalho única coisa (2000) reúne CD, VHS e livro. São poemas trabalhados nos três suportes diferentes, alguns retomados dos dois livros anteriores. Vale reparar que esse trabalho de retrabalhar poemas antes publicados em versos num livro mostra uma peculiaridade do trabalho de Anzolin, anti-romântica, no sentido em que sua criação está no redimensionamento do poema num novo formato, ao invés de "novos poemas". Melhor a emenda que o soneto.

O livro é uma versão impressa dos clipoemas e videopoemas em VHS, através de interferências textuais sobre frames e fotogramas. A fita VHS traz videopoemas que dialogam com a videoarte, e suas trilhas sonoras são ora faladas ora cantadas, com bases de rock e música eletrônica. Os vasos comunicantes que esse trabalho multimídia mantém com a videoarte e com a canção estão nítidos devido à presença de seus parceiros nesse trabalho, Marcelo

Borges (videomaker) e Lúcio Machado (músico). Dos trabalhos em vídeo, ressalto “porta” e “batista”. Este último, que no livro é um poema-colagem, é um atestado de óbito de um cão, imagem de impressionante potência elegíaca, um canto seco a um amigo morto entre a burrocracia de fichas e requerimentos. Ao apresentar imagens do cão falecido, entende-se porque no campo “profissão” lê-se “performer”, sem qualquer outra pista de que batista fosse um cão. Quantos homens não morreram hoje como batista, “de filiação ignorada” e deixando “duas viúvas, dois filhos, sem bens nem testamento”?

Dentre os poemas animados, destaque para “fóssil absoluto”, e “sem revide”, que mescla as linguagens do vídeo e da animação. Outro poema muito bom é “catarse”, em que as palavras êxtase, atacar, acatar e catarse sobrepõem-se umas sobre as outras, até que se dissolvem no chuvisco cinza de canal de TV fora do ar. O CD de “única coisa” traz várias peças que não constam em vídeo, algumas retomadas de seu livro anterior. Dentre essas, é notável o resultado em “água/deságua”. A opção dada ao leitor de apenas

ouvir os poemas indica que a oralidade e as possibilidades de sonorização da poesia passam a estar no centro das preocupações de Anzolin.

Em eu também (Ed. Medusa, 2003), seu último livro-CD, Amarildo direciona suas pesquisas para uma inserção na tradição oral da poesia. Essa tradição remonta a antes de Homero e do teatro grego. A poesia oral é mais antiga que a poesia escrita e que o teatro em versos. Essa busca, como se fosse por um fóssil (imagem constante em seus poemas), ilumina outros dois aspectos desse poeta: primeiro, a relação entre Amarildo e outros poetas brasileiros contemporâneos, muito ligados à poesia beatnik e ao mesmo tempo requisitantes de um certo poder tribal perdido pelo poeta, catalisador um estado de transe purificador e catártico. A oralidade tem sido algo objetivo nessa pesquisa quase arqueológica, cujo sítio é a voz, o ouvido, a memória. No caso de Amarildo, ele perverterá conceitos como o da dicção, com a apropriação dos defeitos da fala e a abolição de entonações afetadas, nem lengalengas nem ladainhas de saraus e tertúlias. Outra contribuição importantíssima, provável herança de Augusto de Campos, referencial tanto no âmbito do poema visual quanto nas sonorizações: mesmo em parceria com músicos, sua leitura reivindica uma autonomia em relação às musicalizações de poemas. O melhor leitor para o poema é o próprio poeta. A música não é um acompanhamento, e deve ser, com sons e silêncios, algo que construa o sentido junto com o poema, mesmo que através de tensões de significado. E aqui Anzolin usa sobreposições de vozes, tampura (instrumento

indiano), efeitos de sintetizador, ecos em camadas, reverb, socos, ofegos, etc. No poema “memento”, lido por Anzolin comendo uma maçã, falando de boca cheia, o efeito gutural da voz entra em choque sinestésico com o doce, sugerido pelas mordidas e mastigações, e com o tema memória, que norteia o poema. A memória, enquanto percepção do tempo, é uma experiência doce e assustadora. Um outro ponto alto é “voz”, que pode servir como emblema de todo o CD. Além de efeitos sonoros, a leitura traz trechos de uma segunda voz que diz shut up, preenchendo os silêncios da leitura do poema. Ditos rapidamente, ganham ritmo, como sílabas percutidas, prosódias. Com isso Anzolin consegue marcar sonoramente os silêncios: shut up, um som que manda calar. Além de oposto ao tom afirmativo do poema (“meu nome é a minha voz”), mostra um aspecto metalingüístico: ao se lançar à sonorização da poesia, o poeta está atento à voz do silêncio.

Assim, eu também é um CD acompanhado de um livro. Dentro do padrão de monotipia, o livro tem uma função de acompanhamento para ouvir o CD. Com os recursos do verso, estão lá as pausas, os acentos, os enjambements. Ou seja, o foco da pesquisa foi do plástico ao sonoro. Mas ainda há espaço para o poema visual, como em “nosferatu”, que mereceu uma faixa com oralização, ou mesmo em “memento”, para o qual Amarildo criou uma versão em vídeo, selecionada no II Concurso Nacional de Clipoemas, idealizado por Décio Pignatari.

Amarildo Anzolin não dá pistas de que vai parar de experimentar. É o que basta, por hora.

ENIGMA
chego à borda
MIRA do poço GEM
está vazio

no deserto cabe tudo

CORAÇÃO

eu como vidro não reflito
todo deserto é um labirinto

VIA do olho é infinita GEM

sem água o seu não reflete minha aborda
IMÃ GEM

miragem é excesso de eco
quem fala sozinho tem resposta

RE BORDA GEM

a ima gem do seu fundo transborda

LINGUAGEM

me cobre com o seu oxi

VI CÁ RIO

gênio escuro

VER TI GEM

turba o meu troco
não existe corda que nos una
quando narciso se masturba

VIS A GEM

agora sou sua cópia

CORAGEM

um pêssego sem caroço

IMAGEM

o milho é um vegetal e quando é
plantado nasce outro milho
o pinheiro é um vegetal e quando é
plantado nasce outro pinho
o ipê é uma árvore ornamental e quando é
plantado nasce outro galho
o alumínio é um metal e quando é
plantado não nasce outro fio
o diamante é um mineral e quando é
plantado não nasce outro brilho
o homem é um animal e quando é
plantado não nasce outro filho

plantation
de co-lapso

na máquina de lavar
as roupas se movem
sem gestos sem braços
sem pernas sem passos
não caminham
não se deitam
na lavagem
o suor a raiva a culpa o desejo
o amor
vai tudo embora
não sentem mais nada
sem o corpo

máquina de lavar
de eu também

nada é mais vivo que o som
até para mim que ando a esmo
é pela língua ou pelo pulmão
que eu me reconheço por eu mesmo

pra que serve o vermelho coração
se pra pulsar não precisa de cor
se quando dói o que sai é um som
se elétron vento água pó não têm cor

poderiam ser diferentes as mãos
pra bater palmas não bastam os dedos
sem galo mesmo o céu claro desde o chão
não faria o dia chegar mais cedo

o que vem antes de mim é o meu som
sopro fôlego choro contração
tudo aqui é igual ao som
viver: um poema sem solução

igual ao som
de única coisa

amarelo

tive
um
sonho
.
alguém
dizia
:
“
deixe
a
árvore
cair
galho
a
galho
,
qual
um
enforcado
”

sonho
de eu também

à minha frente,
a porta não sabe a que veio.
espera que eu entre?
eu, que ela saia?
o medo é o nosso meio.
não espero sua resposta;
sua memória é o meu horizonte.
o vento bate a palavra certa:
porta-se.

uma porta não espera por ninguém.

porta
de única coisa

poemas inéditos não existem. os poemas nunca são inéditos, pois partindo do pressuposto de que estamos sempre reescrevendo os poemas, eles não podem ser considerados inéditos. já que os temas e os materiais do poema se interligam, retomamos algum assunto através da memória, a qual embaralha e mixa as coisas, dando uma falsa impressão de ineditismo, o que na verdade apresenta elementos novos, mas associados a outros, velhos.

poemas inéditos
de eu também

pressentindo, talvez pelas antenas,
ou pelo radar do inconsciente coletivo da infância,
a chuva de sal,
acelera o seu passo em ondas.
o corpo, já nevado, queima, e ela se contorce,
para, em seguida, tombar, baleia encalhada na praia.
solta seus fluídos brancos amarelos que, unidos ao sol,
viram um mar revolto:
borbulhante vulcão.
em meio à lava, ainda responde a impulsos:
íntimos desejos?
nenhum organismo encena tão bem o fim,
vence os atropelados, os afogados, os epiléticos, e suicidas em geral.
a lesma, morre por excesso de sentido, exacerbação do sal.

morte da lesma
inédito

Os trabalhos mentais, sobretudo os referentes à memória, geralmente são expressos pelo fosfato. Mas atribuo-os mais ao fósforo. Poderiam ser pela vela, que pode ser consumida e apreciada aos poucos, sem ordem, só com rito. Penso em isqueiros, contudo assumem caráter plural, nas mãos das platéias de shows de música. A lanterna chega perto, por ser coisa de náufrago ou afogado, portanto desmemoriados. Mas, ainda assim, o fósforo é superior, porque, como a memória, não se repete.

os trabalhos mentais
inédito

recebeu flores, -

chegou em casa
e guardou-as:

(abriu as pernas:
fez um vaso:
depositou as hastes)

algumas pétalas,
“as que ficarão secas”,

- talvez caibam dentro
de um livro.

recebeu flores
inédito

bonito, sim.

lindo, é claro.

simpático, no ato.

carismático, com certeza.

exato, sem dúvida.

dócil, representa.

amável, parece-me.

impenetrável, apresenta-se.

lívido, se vivido.

impuro, se provado.

esquálido, pensando bem.

desinteressante, olhando melhor.

melancólico, talvez.

disperso, porque não.

quase normal, enfim.

diferente, no fim.

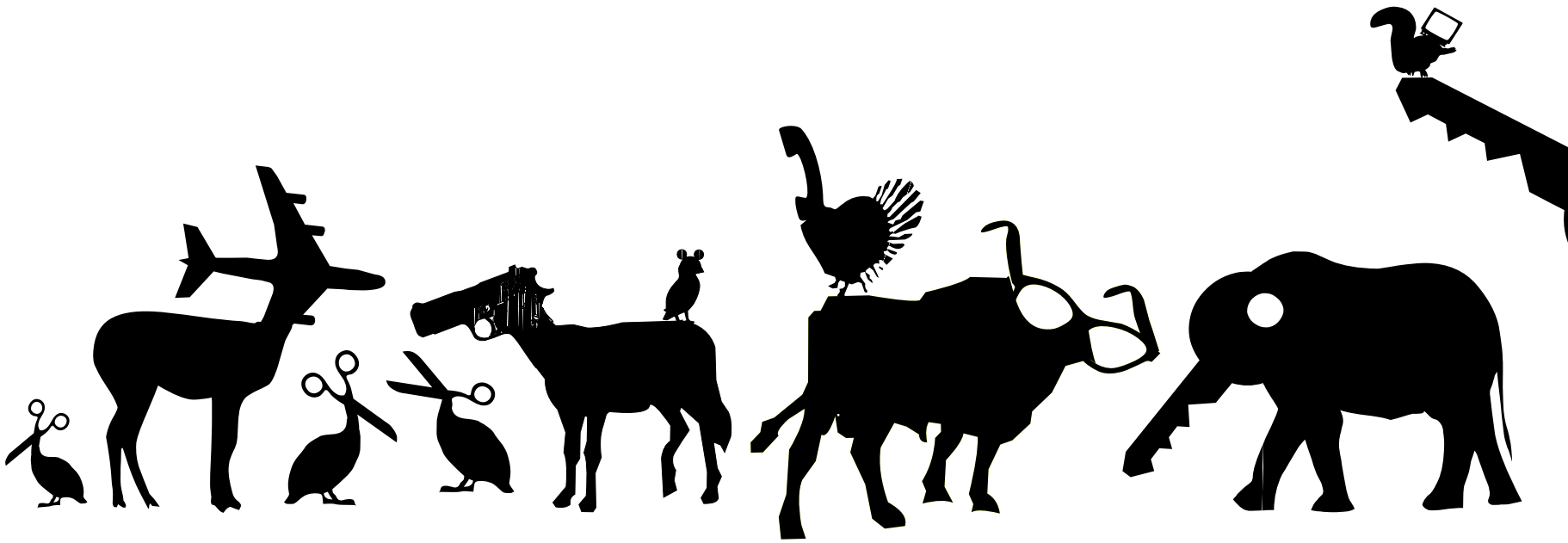
belo, mais que tudo.

não diria perfeito, para não estragá-lo.

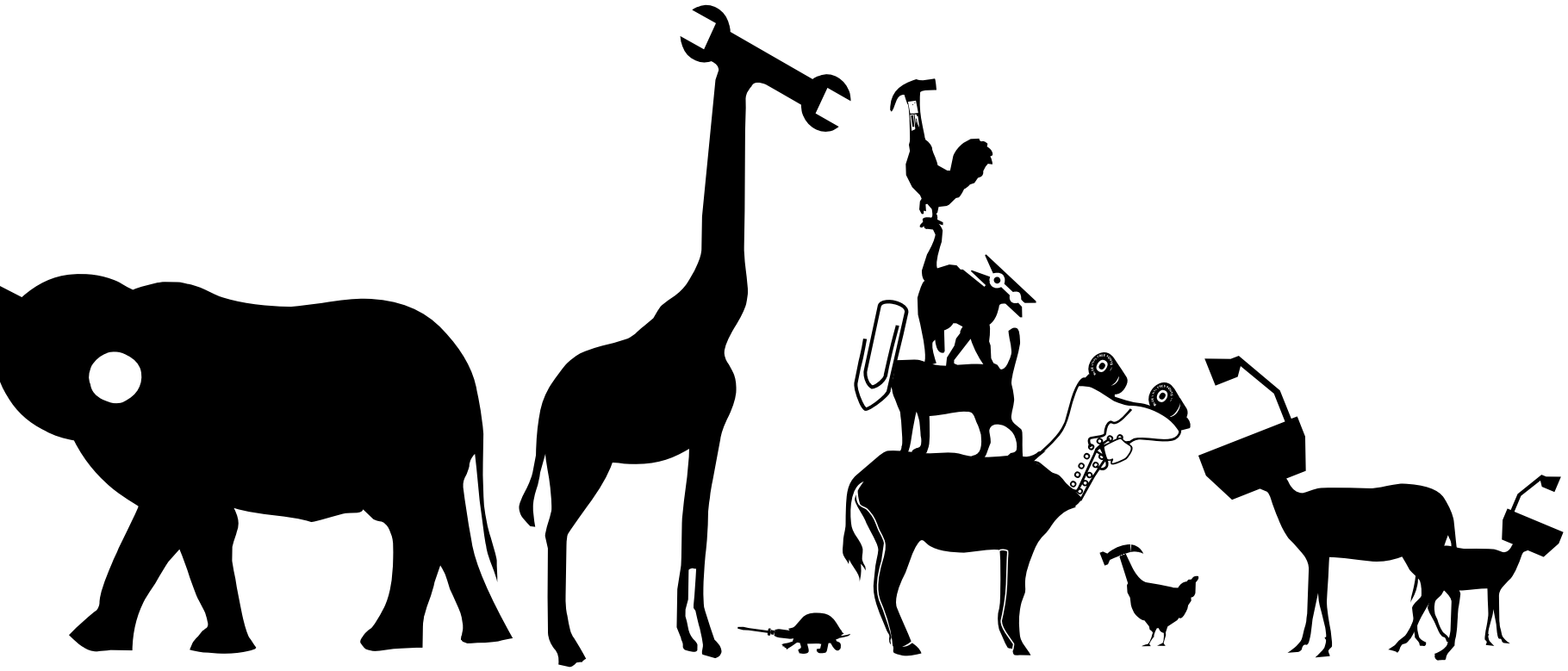
perfeito
inédito

anzolin

BJETOS ZOOBJETOS ZOOBJETOS ZOOBJETOS ZOOB



JETOS **ulisses moisés** ZOOBJETOS ZOOBJET



[De quadr(i)- + -ica.]

mario teixeira

S. f. Geom.

1. Lugar geométrico dos pontos do espaço que obedecem a uma equação do segundo grau nas três coordenadas cartesianas; conicóide.

Aurélio Século XXI

Introdução

O homem está protegido embaixo do chapéu, e atrás das lentes amarelas tudo fica mais bonito; alegre e desinibido, tudo fica melhor. Diferente de quando usa os cabelos e as luzes naturais, ele pode ver tudo como uma cerveja veria.

Um pedaço de uma vida. **A estória, e...**

– Queria ser feliz igual um japonês. Queria não ficar careca igual um japonês. Queria não engordar igual um japonês. Frases que tenho depois que comecei a ver filmes de kung fu. Comecei a assistir aos filmes de kung fu por causa dele:

Vinte anos, Wagner, mameluco, filho único, segundo grau completo em escola pública, música: rock americano; feio, trabalha em uma vídeo-locadora, assuntos sem graça, mãos sempre suadas, não é tímido, tem o cabelo gorduroso e ralo, gosta de filmes de kung fu, assiste televisão até às três e acorda às onze e meia mais ou menos, pega serviço uma, tem cravos por causa do cabelo gorduroso, tem vergonha disto, a testa também é gordurosa, boca gorda, sonha comprar um carro, moreno, tatuado com uma índia de olhos verdes, fimose, paga suas despesas, bebe cerveja aos sábados à tarde; domingo joga bola, se masturba e dorme cedo.

São as melhores informações que já consegui.

É Wagner, meu vizinho do lado, uma pessoa que me parece feliz. Mora com a janela meio de viés com a minha. Moro faz quatro meses aqui, há três o acompanho... Nossos horários são mais ou menos os mesmos, bebo e fumo enquanto o observo vendo todos os filmes de kung fu que traz pra casa. Em outros termos, Wagner é um paralelo para minha vida nos últimos tempos, uma história que vem progredindo e que espero enquanto passa. Um exemplo: quando venho com alguém para casa, geralmente Joanna, me mantenho acordado até depois e vou ver Wagner deitado no travesseiro do chão, e o pôster do Bruce Lee na sua parede. Quando viajo e volto, vejo Wagner e continua a mesma coisa. No café após o almoço penso em como seria se eu fosse Wagner.

Joanna:

Joanna é a menina que tem vindo com mais freqüência em minha casa, nova, novinha, 19 anos, a gente sempre vem pra casa bêbados e ela não chega a perceber meu desconforto em relação à outra vida que não tenho, a vida que Wagner tem... melhor não dizer, sei que é difícil entender destas coisas, principalmente quando se tem 19 anos. Acontece de ela fingir enquanto escuta Piazzolla que gosta também, eu tenho certeza que finge, esta certeza chegou quando me mudei para cá e virei vizinho dele, no fundo sei que ela queria é estar ouvindo Oasis com ele, na minha profissão deveria reconhecer isto como paranóia, mas, puta que o pariu. Gosto de Piazzolla e tenho os discos, tenho medo de querer começar outra vez uma nova coleção, ando ultimamente com pouco dinheiro, meu aparelho de CD's quebrou e complica achar Oasis[1] em long play, droga de vida... Joanna tem os seios (detesta a palavra seios, segundo ela é antigo, e a partir daí 'seios' para mim é como Piazzolla) miúdos e muito bonitinhos, bonitinhos que só eles. Tem pernas de tenista e um interfemínio que é uma beleza, lindo, e é o que há de mais lindo em uma mulher. Gosto muito de Joanna, e melhor não sei dizer.

[1] Aos 53 completei toda a coleção, foi quando atirei Piazzolla pela janela

Wagner.

Conheço Wagner da vídeo-locadora Happy Vídeo, tenho ido lá constantemente e gasto tempo, mais que necessário sempre, para escolher um filme. Sempre está na tevê um vídeo de kung fu ou caratê... porque será que Wagner não faz, então, academia; que coisa enervante.

Uma impressão que tenho é que Wagner nunca leu um só livro na vida, talvez O Pensamento Vivo de Bruce Lee, não sei. E eu que já li tantos, pra quê? Para quê... para agora observar Wagner e ter inveja do sossego, do sossego, que eu sei! que ele sente! Wagner é realmente enervante.

Dizendo agora de mim, consegui odiar Monteiro Lobato.

Tenho licença para meu doutorado, minha tese se baseia nele, Monteiro Lobato. A academia tem admirado meu trabalho até demais enquanto admiro Wagner. Bosta. Já penso, depois do fato, no meu ridículo, consegui chegar ao cerne: foi Monteiro Lobato só por ser bacaninha, coisa de infância misturada com idéias grandes, e sei que é este 'alternativo' que a academia congratula comigo, e que isso para Wagner não tem o menor valor, nem deve saber que existem teses. Meus problemas têm sido sérios e muitas outras questões apareceram, muitas questões. Wagner apareceu em minha vida e tenho desbaratinado, estou todo sem saber sobre as coisas a partir de então. Tenho deixado de ler o necessário para assistir Bruce Lee. Rá, rá.

Então.

Nasci, cresci num bairro pobre tendo contato na rua com a gente deste bairro, mas meus pais sempre se esforçaram para me dar ensino nas escolas mais para ricos e assim por diante nunca precisei trabalhar, o caminho foi estudar e levar a vida, conseqüentemente com pessoas ricas, à maneira delas, cheguei à vida acadêmica... Quando saí da rua começou meu marasmo. Meu pai não tinha um caminhão para me deixar, como meu vizinho; tinha os estudos, estudei. O raciocínio normal é que estas pessoas com quem tive contato na rua trabalham pra gente estudar; eu, com o passar do tempo, já penso diferente: a gente estuda para eles viverem. Na nossa vida a alegria é muito esquisita, é tão difícil e tão dura, sustenta tão pouco: "bom mesmo é ter um caminhão". Joanna gosta de ouvir Chico comigo também, penso em comprar Red Hot Chilli Peppers, que eu sei que encontro em LP, para ela ouvir.

> *'Meu grande erro foi nunca ter dito a Joanna que a amo, os anos foram passando e eu perdi a oportunidade. Cabeça fraca, muitas noites inteiras a muito álcool, os dias passaram. Eles passam e vão levando muita coisa junto com eles.'*

Quinze para as quatro da tarde eu levantei, Joanna já estava na sala ouvindo os discos que ela diz que gosta. Ontem Joanna depois de bêbada me propôs sair pra dançar, e ela sabe que eu não sei dançar, ela sabe que eu só sei fazer coisas que não precisam de muito movimento... Tenho que dar mais atenção a Joanna.

– Joanna, que tal sairmos para um sorvete?

– Não, querido, acho que já vou.

Capítulo 1

E o cara vai ao supermercado comprar seu uísque, a marca que ele compra é média e o caixa até lambe os lábios quando abre a prateleira dos uísques, passa pela cabeça sua futura noite de sexta, queria muito uma garrafa daquelas, resolveu pegar uma escondido no final do expediente. As pessoas na fila têm que esperar com paciência, mas uma senhora que comprava aipo perde a calma e muda de fila. Um carro esbarra no dele no estacionamento, não chega a estragar, ele não vai ficar sabendo. As Reinações de Narizinho empoeirado permanece ao lado do computador. Joanna em casa olha pro teto deitada na cama. Ele caminha de volta pra casa e o sol bate ainda para cortar os prédios ao meio, ele se lembra que veio de carro e volta para buscar. Encontra com um amigo de faculdade e a filha, tem nojo do rosto da menina sujo de Danoninho ressecado: pensa em Joanna. Liga para Joanna que diz que está muito cansada e prefere ficar esta noite em casa.

O cara abre o uísque e joga a tampa fora, a tampa vira um brinquedo pro gato, ele vai beber no alpendre, contrário à janela de Wagner. Pensa na vida e conclui: que abóbora; gosta da comparação. Pensa em Ângela e

sente saudade, tinha vinte e nove anos, agora 32.

> *'Minha terceira personagem para o quadro final de uma estória não muito longa, a quarta comigo, sobre ela pouco tenho a dizer a não ser do seu cachecol, combinávamos na bebida e no pó... saudade, tenho pouca, ela jamais me amaria nesta condição.'*

O dia escurece, a noite cai. Parece uma música do Tom, mas ele põe na vitrola as músicas do Chaplin... Chaplin, Chaplin, Chapolin, Chaves, Chopin, Chapolin, Rasputim. Ele pensa que tudo é muito engraçado. Ele pensa que tudo é azul. Chaplin, Chapolin, Chaplin, Chapolin, Reinações de Narizin. Daniel Azulai. Barbapapa azul. Pega o telefone e ainda lembra o número de Ângela de cor. Joanna resolve falar com ele e acha o telefone ocupado as coisas continuam engraçadas. Ângela atende ao telefone olhando para a televisão.

Capítulo 2

As coisas vão ficando bestas, aí vêm os vícios ou as religiões... ou então as pessoas decidem ir ficando bestas junto com as coisas. As que pensam um pouquinho para além não agüentam e tentam fuga, neste caso não tem isto que dizem: suportar. E vícios são importantes, até os que têm as religiões os têm, é o lado que automatiza a vida. Joanna ainda não passou por este segundo Édipo para sair por aí sabendo que é cega nas coisas, ela ainda acha que enxerga e que vai ter um grande amor possível, isto me dá aflição em Joanna... ela pensa que vai vencer batalhas. Ao contrário de Ângela; tem sua novela e cheira muito nos finais de semana, é muito ansiosa durante a semana, ela precisa cheirar e isso é importante amei Ângela. Joanna quando bebe não sabe o que está fazendo, ela não sabe que beber é coisa séria.[2]

> *'Todo grande Homem ou foi religioso ou viciado; ou não perceberam que ele não passava de uma besta.'*

Eu tenho problema com bebidas e com os gatos, voltando a falar de mim; tenho compulsão por enfiar um naqueles buracos redondos em que se joga vidro para reciclar, nunca fiz. Quando era pequeno dei um chute na boca de um que voou uns oito metros e caiu abobado. O moço que passava me deu um tapa na orelha que doeu uma semana, não tive coragem de contar para minha mãe. Ela também não gostava de gatos, acho que é por causa disto que também não gosto; mas quem tem vontade de judiar sou eu. Não faço mais... "dorme, dorme minha culpa". Colocar as culpas para adormecer, os pecados, tudo aquilo... (lembra-se de quando xingou todos seus amiguinhos de pobres e sujos quando um deles, lembra-se que este tinha paralisia infantil no braço direito, mijou nas suas costas quando estava sentado num barranquinho, lembra-se de quando fazia orações para poder se masturbar, lembra-se de quando mentia para seus pais que já morreram, lembra-se de quando não gostou de um presente de natal e chorou a manhã do 25 toda, lembra-se do aborto, e as coisas não estão mais engraçadas

[2] Com este recorte já podemos caminhar para um fim, se sabe pouco mesmo sobre a vida das pessoas e o excesso pouco acrescenta

como no capítulo anterior, vão ficando bonitas e doces e ele se lembra do rosto de Joanna que faz quarenta minutos saiu com umas amigas para noite). Como vão as coisas Charles, oba, oba, oba Charles.

Capítulo 3

Tenho apenas nove laudas - puta que pariu, nove laudas! - da minha tese e venho recebendo para isso, vai grande parte em bebida, com Joanna ou só. E Wagner deu para desenhar a lápis HB os Dragon Balls. Lápis HB mordido. Meu laptop. Chego na locadora à tarde e ele está desenhando. Porque que eu ouço Miles se existe Lulu Santos?... Tenho acordado diariamente com 'puta que pariu' na cabeça, é a primeira frase que me vem quando acordo, diariamente. Antigamente punha Vivaldi e olhava o dia uns três minutos pela janela, tomava café, lia os jornais, estudava e escrevia por longas horas só meus alunos até hoje leram o que escrevi nesta época, tiveram as provas, alguns professores disseram que leram e 'gostaram muito'; acreditei, mas de três meses pra cá, duvido... Hoje em dia é isso, e só dá pra levantar depois de muito tempo olhando pro teto, aí vou pra janela contrária ao dia antes dele sair para trabalhar. Ainda é bom quando Joanna está em casa, ela acorda e vai ouvir música, fico intimidado a achar que eu estou no caminho certo... sinto saudade de antes, da quarta série, das pipocas de arroz e de falar keds, e de jogar os keds velhos em fio de luz. Regressões, regressões... talvez tenha sido Narizinho... eu não era assim. Reinações de Narizinho... Narizinho, vou jogar keds no fio de luz.

Capítulo 4

Wagner, um ano mais velho que Joanna, meu mundo fechado em dois adolescentes, a total ocupação para meu dia. Meu mundo cercado entre duas pessoas - cada uma e eu um, metades da minha idade, as duas meu tempo de vida, metade-metade-metade-metade, o mesmo em mim. Joanna quer seguir a carreira acadêmica, como eu aos 18 anos, e Wagner. Metade, metade, metade, metade. Joanna folheando meus livros de calcinha e camisetinha

de short doll, os pais dela nunca deram muita atenção para o pequeno tesouro que têm. Os pais de Wagner basicamente só assistem tevê, a mãe cozinha e o carro arriou na garagem, a treliça da cozinha fechou com gordura. Joanna cresceu no playground, o porteiro a sentava no colo. Creio que ninguém nunca beijou aquela boca gorda esbranquiçada de Wagner. Joanna de cabelos molhados e bunda de fora. Joanna com hálito de vodka. Joanna deitada por cima de mim é a melhor hora do meu dia. VHS's na locadora, cheiro de pipoca de microondas. Wagner querendo ser Bruce Lee, ela Lacan... aquelas discussões de criança: e se puser os dois pra brigar!? ...acho que vira eu. Oba, oba, oba, Charles...

Capítulo 5

Sem mais... quero dizer... quase toda estória é uma história de amor.

Considerações finais

...quase toda estória é uma história de amor.

Anos se passaram e a aposentadoria chegou por invalidez junto com a compra de um apartamento no centro da cidade, no quarto andar. Não tem saído muito a não ser para ir ao supermercado, quando sai é de chapéu e lentes amarelas. Tem tomado Velho Barreiro e o passatempo predileto tem sido cuspir na cabeça das pessoas que passam, quase nunca acerta, mas se diverte muito com isso. Volta, pula na cama e ri bastante. Sobre Joanna, Wagner e Ângela não soube mais, mas antes disso enquadrou foto dos três juntos em uma festa que deu no seu antepenúltimo apartamento quando ainda era vizinho de Wagner. Chegou a ser grande amigo e confidente de Wagner, foi quando Joanna o deixou.

> *'Meu grande erro foi ter dito a Joanna que a amo, os anos foram parando e eu perdi a oportunidade. Corpo fraco, muitas noites inteiras a muito álcool, os dias pararam. Eles param e vão deixando muita coisa junto com eles. '*

Beijos...

nicolas behr

por |bruno brum

fotos |makely ka

Nicolas Behr é um dos principais nomes do que se acostumou chamar "poesia marginal" ou "geração mimeógrafo". Começou a publicar seus livros em 1977, aos 19 anos, num momento em que boa parte dos jovens poetas brasileiros compartilhava de uma mesma estratégia de ação: livretos mimeografados, vendidos de mão em mão em bares, portas de cinema, shows, eventos, enfim, nas ruas. Muitos desses poetas se organizaram em grupos que publicavam fanzines e revistas, realizavam performances e saraus, promoviam lançamentos e faziam circular sua poesia. De Brasília, cidade onde vive desde 1974, Nicolas Behr não deixava por menos. Seu primeiro livro, Iogurte com Farinha, vendeu mais de 8.000 cópias. Tudo no corpo a corpo. Nesse pique Nicolas foi publicando até 1980, quando entrou em um silêncio que durou até o início da década seguinte. A partir de 1993 volta a publicar sua poesia com regularidade e com uma temática que se tornaria cada vez mais freqüente no seu trabalho: a cidade de Brasília, ou Braxília. A entrevista que se segue foi realizada em maio de 2005, em Brasília, e deixa claro: Nicolas Behr continua em plena atividade.

|Entre 1977 e 2001 você publicou e republicou um total de 22 livros de poesia, todos eles mimeografados ou rodados em pequenas gráficas, com uma qualidade técnica bastante artesanal do ponto de vista editorial. Esses livros eram, em sua maioria, vendidos pessoalmente ou distribuídos via correspondência. A partir de 2002, com o Poesília, seus livros passam a ser publicados em off-set, em edições mais preocupadas com uma certa lógica de produção do mercado editorial (encadernação, projeto gráfico, escolha dos tipos, do papel, ISBN, etc.). No entanto a distribuição desses livros me parece continuar bastante apoiada no corpo a corpo com o público, nos lançamentos, no envio por correspondência. Bastante parecida com a distribuição que você fazia na época dos primeiros livros. Qual é a sua visão do mercado editorial, do ponto de vista da produção e da distribuição, e, em especial, do mercado de livros de poesia?

Vender livro de poesia não é fácil em lugar nenhum do mundo, me parece. No meu caso pessoal, e acho que isso me é bastante particular, eu gosto de preparar os livros, montá-los (não os imprimo, pois não possuo maquinas off-set nem sei manejá-las), distribuí-los, tendo total controle sobre o livro, do início ao fim. Claro que pago um preço alto por essa rebeldia, como você disse, a distribuição é bastante precária, atingindo apenas um grupo reduzido de pessoas... Isso reflete talvez um certo ciúme que tenho dos meus livros, como se eu quisesse controlá-los, saber para onde vão, saber quem vai lê-los...Eu acredito que brevemente

vou encontrar uma editora que queira fazer uma seleção de meus poemas, para um livro-coletânea. Mas sei que não vai ser fácil, pois todos os meus livros são edição do autor, gosto de fazer a capa, escolher a melhor fonte, o tamanho, a seqüência de poemas, etc. E as editoras me parecem ser bastante impessoais, de um modo geral. Querem o texto e o resto é com elas. Eu quero participar e se não for assim não tem graça. Mando meus livros, depois de prontos, para as editoras, e fico com aquele friozinho na barriga: e se eles disserem sim. Por outro lado você ser o "dono" do seu livro é muito bom, para estabelecer contatos, que eu, pessoalmente, gosto muito de fazer contato com outros poetas, trocar livros... e quando o seu livro é publicado por uma editora, você tem que comprar o livro da editora... essa situação me parece bastante surreal. Ter que comprar meu próprio livro. Mas espero me domesticar nos próximos anos e aceitar que outras pessoas peguem meus poemas e os distribuam num livro. Espero ter forças para permitir isso.

| Depois de publicar 15 livros em apenas 4 anos (de 1977 a 1980) você entrou em um silêncio que durou 13 anos. O que aconteceu nesse tempo?

É o seguinte: eu me expus demais e me recolhi. No inicio dos anos 80, quando muitos dos poetas "marginais" começaram a ter seus livros editados por grandes editoras, eu sumi. Virei redator publicitário, fui estudar fauna e flora brasileira, me engajei no movimento ecológico, casei, tive filhos... Foi isso que aconteceu nesse tempo: vivi. Aos poucos, no inicio dos anos 90, voltei a escrever. Aos poucos. E fui gostando de estar novamente no meio da galera, não tão militante quanto nos anos 70, mas fui tomando gostinho pela coisa e tô aí de novo... Agora eu digo o seguinte: pra mim não tem como minha poesia não ser expositiva, ela é na primeira pessoa mesmo. E esse é o meu mal, e disso não consigo me livrar.

| Você chegou a publicar 3 livros em um mês. Sua obra completa já conta mais de 20 publicações. A que se deve tamanha fertilidade? Qual é o seu grau de crítica em relação ao seu próprio trabalho?

Disse um poeta: a poesia é uma velha senhora que vem te visitar de vez em quando. E você deve estar preparado para recebê-la, com chazinho, biscoito, papel e caneta. Às vezes a poesia acontece. Não acredito em inspiração, acredito que vários fatores conjugados levam ao poema. Li certa vez que o poema acontece quando uma ansiedade encontra uma técnica. Vem de uma necessidade interior, sem dúvida. De uma necessidade muito grande de se expressar. Quanto à relação crítica que tenho com meu trabalho, digo o seguinte: a qualidade sai da quantidade. Acredito que até hoje tudo o que fiz é remoção de entulho literário e que meu grande livro ainda está pra acontecer. É isso que me move. O grande livro, o grande poema. Um poema unificador, onde você diz tudo que quer dizer. Às vezes me parece que esse grande poema, no meu caso, é bastante fragmentário, vem aos pedaços, em forma de anti-épico.

|Tem um poema seu que diz: "não ler / para não ser/ influenciado". O que você lê?

Leio pouco porque trabalho muito (quem tem comércio trabalha muito) e o pouco tempo que me resta fico com meus filhos ou vou burilar nos meus livros futuros. Sou excessivamente influenciável, o que me deixa fragilizado diante dos grandes poetas, como Drummond, Pessoa, Bandeira, João Cabral, Manoel de Barros, Leminski, Chacal, Francisco Alvim... todos influências poderosas na minha poesia. Esses poetas são quase que como imãs, que, se você não tomar cuidado, te engolem. Mas eu acredito piamente que cada poeta vem ao mundo mostrar um jeito diferente de falar sempre da mesma coisa: a angústia existencial, e eu sou muito grato a todos eles pela grandeza de quererem compartilhar com seus contemporâneos dessas angústias e incertezas. Tudo isso engrandece o ser humano, torna a vida, de uma certa forma, mais leve.

|Percebo que sua poesia carrega essa leveza, no sentido de se apropriar e transfigurar elementos bastante comuns ao cotidiano de nossa época, o que confere a ela uma agilidade muito grande, uma capacidade de movimentação...

(interrompendo) ...a minha poesia é pobre, pois é refém do cotidiano. Falta mistério à minha poesia. E me parece que quanto mais obscuro melhor. Essa é a regra que tento quebrar. A minha poesia não tem mistério nenhum, é excessivamente auto-biográfica, mas é o jeito que eu sei escrever, é o meu estilo (bem ou mal todo poeta tem estilo, e deve brigar por ele). Eu fui abrindo espaço na base da cotovelada, sabe? No inicio, nos anos 70, muitos acadêmicos diziam que aquilo (a minha poesia) não era poesia e nem o meio dos poemas poderíamos chamar de livro. Hoje rio da cara deles. Minha poesia taí, eu tô aí. Minha poesia é o que eu vivo. Por isso quanto mais coisas acontecerem na minha vida, melhor. A minha poesia vive desse contato, por isso gosto de gente. Gosto de ficar no meio de gente, não me isolo. E é também desse contato que nasce a minha poesia, certo? Por isso eu preciso ter um livro pra mostrar, pra trocar, pra vender.

|Você tem idéia de quem seja o seu público?

Meu público são os outros poetas. Ponto. Como quase em todo o mundo. Talvez pela primeira vez na literatura brasileira havia jovens escrevendo para jovens. Isso na geração mimeógrafo. Tudo isso foi muito importante, pois desmistificou muita coisa. Hoje meu público é bastante eclético, mas aqui em Brasília posso dizer que tenho um certo público fiel, que sempre vai aos meus lançamentos, que compra meus livros e que me dá aquele feed back tão importante para seguir em frente.

|Já te ouvi dizendo que sua poesia é fast food, "poesia fácil e medíocre de uma época medíocre..."

Boa desculpa para não aprofundar nada, né? Mas será que alguém quer realmente aprofundar alguma coisa nestes tempos superficiais, onde criamos tantas máquinas para nos servir, e, paradoxalmente, temos cada vez menos tempo? E se eu estiver certo? Não vamos

saber agora. Daqui a 100 anos a gente conversa novamente.

|Como é essa história de poeta "banquinho e violão"?

Não sou um poeta multimídia, pois não domino tecnologia, fios, botões, luzes... Fui um menino da roça, morei em fazenda até os 10 anos, fui ver TV com 12 anos... isso em Mato Grosso. Quem sabe fazer, ótimo. Eu não sei, então fico na minha e uso a palavra impressa. Às vezes tenho a sensação de ser um poeta muito antigo, sabe? Daqueles que quer ver seu poema impresso, num jornal, num livro, num cartaz. Porque pra mim vale o que está escrito. Não adianta florear, encher o poema de coisas, de acessórios, de balangandãs, entende? Repito: vale o que está escrito. Poema pra mim é mensagem, e isso me limita muito. Quero me comunicar, quero ser lido e mais: quero ser entendido. Faço concessões demais? Talvez. Quem viver verá.

|Em 1978 você teve centenas de livros apreendidos pelo DOPS e foi processado por "posse e venda de escritos obscenos". Quando interrogado afirmou que as pornografias inseridas em seus livros "traduzem sua frustração bem como a insatisfação reinante em decorrência da época em que vivemos, sendo, em sua essência, um desabafo face às incoerências existentes não só no Brasil, mas em outros países." O que te incomoda hoje?

Em 1978 eu tinha 20 anos e hoje tenho 46. Isso pesa, tem que pesar. E pesa bem: hoje eu convivo bem com meus 46 anos, três filhos quase adolescentes. Eu que fui um rebelde terrível, um indomável, um cara meio perdido também, mas que teve o grande mérito de ter sobrevivido. O que me incomoda hoje? Continuo de esquerda, continuo socialista, continuo acreditando que fracassamos constantemente. Sabemos produzir, mas não sabemos distribuir. As diferenças sociais terríveis que vemos no Brasil me incomodam muito. Essa nossa incapacidade de distribuir riquezas, como falei. Me incomoda a indiferença da nossa elite política, apenas interessada no poder pelo poder, numa relação extremamente egóica, sem, sincera e profundamente, pensar no povo. Me incomoda a fraqueza dos nossos mecanismos de controle dos gastos públicos, nosso "Tribunal de Faz de Contas da União" às vezes me parece de faz de contas mesmo... Me incomoda a corrupção que vemos quase que diariamente na imprensa, e me incomoda mais ainda uma certa aceitação disso por grande parte

da opinião pública. Nos indignamos, só isso.

|Quero falar um pouco sobre Brasília, cidade de fundamental importância na construção da sua poética. Você chegou à cidade em 1974, vindo de Cuiabá, aos 14 anos, no momento em que Ernesto Geisel assumia a presidência do regime militar. Como foi para o adolescente Nicolas Behr o encontro com uma cidade como Brasília num contexto histórico tão turbulento quanto aquele?

Brasília foi um impacto muito grande. Saí do mato para morar na maquete. E é desse impacto que surge a minha poesia, desse conflito de alguém que vem de uma cidade normal, não planejada, com ruas, esquinas, etc. e cai em Brasília. Já pensou? E dessa

relação de amor e ódio com Brasília que nasce a minha poesia. Às vezes estou de bem com a cidade, outras vezes estou de mal com ela...

|E Braxília? Seria uma forma de lidar com esse conflito?

Braxília foi a cidade que eu inventei. Que eu renomeei. A utopia dentro da utopia. Braxília vai ser nome que esta cidade terá quando deixar de ser capital do país. E isso vai acontecer por dois motivos: primeiro, a cidade crescerá tanto, mas tanto, mas tanto, que se tornará inviável para abrigar o poder. Será construída uma outra capital, não sei aonde. Outra razão pela qual Brasília deixará de ser capital é que aqui surgirá um movimento nativista fortíssimo, que expulsará da cidade toda a estrutura burocrática aqui existente. Ao invés de Setor de Autarquias Sul, teremos o Setor de Criações Teatrais Sul, certo? A cidade se transformará num grande centro de produção artística... Setor Poético Norte, Setor Musical Oeste... Sonhar é bom e é por isso que estamos aqui... O movimento nativista surgirá como reação à má fama que o poder dá a esta cidade maravilhosa. Parece que tudo que acontece no Brasil é culpa de Brasília. "Brasília não libera verba". E o mais sério: o que era referência de modernidade arquitetônica, de ousadia, no imaginário popular brasileiro virou referência de corrupção, de mau uso do dinheiro público... Isso revolta grande parte da população, que não quer ser identificada com esse tipo de gente, alguns políticos, que só pensam em se dar bem às custas do dinheiro público, transformando Brasília numa verdadeira Parasitópolis.

|Tem um fato que acho curioso, que é quando quiseram tornar obrigatória a literatura brasiliense nos currículos das escolas em Brasília, iniciativa à qual você foi radicalmente contra. Como foi isso?

Como disse naquela época: pobre da literatura que precisa de um decreto para existir. Aqui em Brasília o poder contamina tudo. Um grupo de escritores locais fez um lobby na Assembléia Legislativa daqui, resultando num decreto que obrigava o ensino de "literatura

brasiliense" nas escolas. Pensaram: assim seremos lidos! Pobres crianças! Assim, de cima pra baixo, não se forma leitores. E reduzir uma literatura à toponímia é ridículo. Falar de superquadras, blocos, eixos... não é falar de Brasília. Temos que ter uma visão mais holística, mais abrangente. Claro, a lei não pegou e nossas crianças estão salvas!

| Você é filho de imigrantes (pai alemão, mãe lituana), nascido em Cuiabá, tendo passado seus primeiros 10 anos em um internato jesuíta em Diamantino, interior do Mato Grosso. Como foi sua formação? Se interessou pela poesia desde cedo?

A vida de todos nós é muito rica, mesmo que seja muito pobre. A infância é a única pátria do poeta, disse Rilke. Meu primeiro livro de "poesia" foi Menino Diamantino, escrito em 2002, me disseram. Os anteriores não sei realmente o que são. Me parecem que são poesia também, mas há controvérsias. Na escola eu lia poesia, no ginásio, e lembro bem do termo "licença poética", que eu ouvi lá pelos 14 anos... Só fui mesmo escrever aqui em Brasília, aos 18, 19 anos... e fui lendo o que me caía na mão... Nunca fui de fazer uma programação de leitura. E acho que pela primeira vez na historia da literatura brasileira surgiu uma turma cujas influências não foram literárias, mas do meio. Acho que fui muito mais influenciado pelo outdoor, pela telenovela, pelo videoclipe, pelas revistas em quadrinhos, do que pelos "grandes poetas" que citei.

| Além da poesia você se dedica a algum outro estilo? Alguns poemas seus se parecem muito com crônicas ou minicontos...

Meus poemas são poemas por que a linha não vai até o final da página, volta rapidinho. Não me preocupa a sonoridade, a rima; me interessa a mensagem. Nunca me aventurei por outros estilos literários. Acho que me falta fôlego pra encarar um romance. Conto não sei mesmo escrever. Nem me atrevo. E fico por aqui mesmo, neste rami rami da poesia, enganando os incautos...

a psicologia da dedicatória

Escrever o livro foi fácil. Mas a dedicatória... Chico Buarque não lança livros pra fugir da noite de autógrafos. Rubem Fonseca nem aparece na rua... pra fugir de uma dedicatória. Dalton Trevisan de tão misterioso nem sabemos se existe de fato... tudo pra fugir da dedicatória.

Mas qual o mistério? O recebedor da dedicatória, o comprador do livro, o futuro leitor, só quer uma palavrinha simpática do autor, nem que seja levemente falsa, um elogiozinho, um abraço [nem que seja só no papel]. Muitos exemplos citados visam o público feminino, pois, no meu caso, a dedicatória é uma forma simples, fácil, e muitas vezes eficiente, de flerte.

nicolas behr

1| A expectativa de quem recebe uma dedicatória é que a mesma realce alguma qualidade do(a) leitor(a). Tipo: para uma apreciadora de poesia (claro, se o livro for de poesia...) ou ainda: que bom que você tem este livro. Observe algo interessante na pessoa, um jeito de vestir, de falar, (alguma coisa que ela falou na hora...), o corte de cabelo, tudo isso pode e deve ser usado na dedicatória.

2| Uma saída: faça desenhos. Isso personaliza o livro. Leve canetas de várias cores. O(a) leitor(a) vai sentir que você dedicou a ele(a) o seu precioso talento de desenhista e pode escrever coisas do tipo: como poeta sou um ótimo desenhista, você não acha? Faça os desenhos que você sabe fazer. Peixinhos, estrelas, casinhas...É uma das minhas opções preferidas. Certa vez rabisquei tanto o livro que a pessoa falou: eu pedi uma dedicatória, não uma pichação!

3| Outra opção: faça uma dedicatória ininte- ligível, com aquela grafia de médico apressado. O(a) leitor(a) dificilmente vai te pedir para traduzir o que você escreveu. Conheço gente que faz isso.

4| Pra dar um start na dedicatória, pergunte de onde a pessoa é. Digamos, sou mineira, de Montes Claros, por exemplo. Aí você pode dizer:"Do alto dos montes claros que são seus olhos...", etc e tal. Tem que usar a imaginação. Sim, ser criativo também nas dedicatórias. Por que não? Ah, ser romântico e piegas também não é nenhum pecado. Na dedicatória vale tudo, até mentir.

5| Pedir para a pessoa ditar a dedicatória pro autor. Isso funciona. Na verdade, o que a pessoa está ditando é o que o inconsciente dela deseja ler. Já me ditaram dedicatórias do tipo: "para fulana, com todo o carinho do..." A pessoa dita e você escreve, exatamente como ela diz: e aí, qual a surpresa? Você mostra a dedicatória e ela vai morrer de rir.

6| Use o nome da pessoa para engatar uma dedicatória. Se ela se chamar Beatriz, diga que você gostaria de ser o seu Dante (aí talvez tenha que explicar algo sobre a Divina Comédia). Se ela se chamar Carolina, por exemplo, escreva: "Carolina, nos seus olhos tristes vejo tanta dor..." (obrigado, Chico). E vejo também um sorriso divino e maravilhoso. Pronto, já ganhou. De novo: use sua criativadade e imaginação. A dedicatória é um belo exercício. Encarando assim, é bem mais fácil.

7| A dedicatória depende do grau de relação que você tem com o(a) leitor(a). Tem gente obviamente que não gosta dessas gracinhas em dedicatórias, e você lasca um seco: "para fulano, ou fulana, com um abraço do..."

8| Eu adoro fazer dedicatórias, adoro noites de autógrafos. Se possível escreva a dedicatória na capa interna, antes da primeira página. Assim, se a pessoa quiser vender seu livro num sebo não vai conseguir, pois sebos não aceitam livros sem capas. O risco de escrever a dedicatória na primeira página você já sacou.

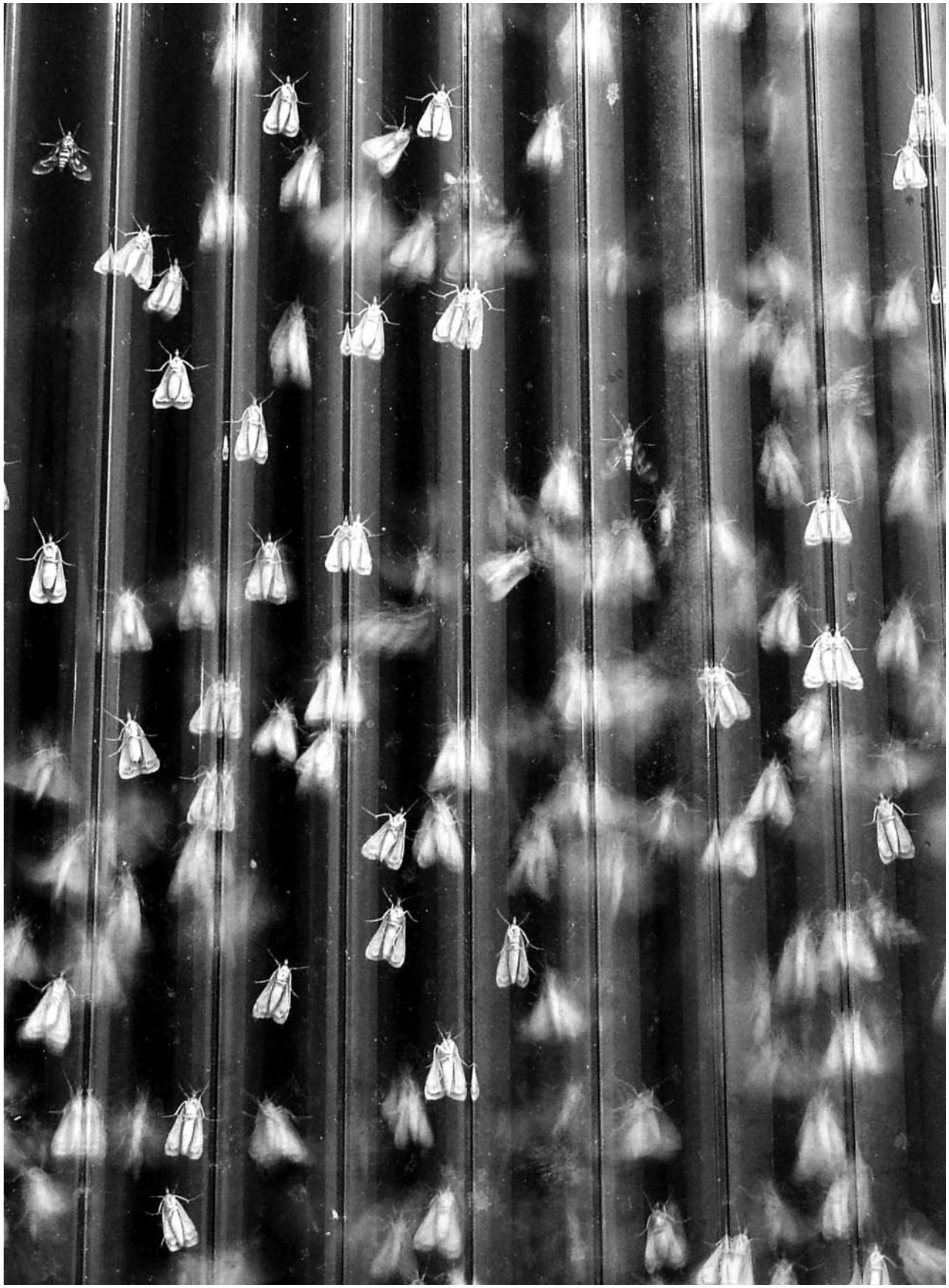
9| Uma dica meio idiota, mas uma saída muito comum é relacionar o título do livro com a dedicatória. Se o livro se chamar, por exemplo, Caramujos, aí se escreveria antes: "Que estes caramujos de poesia deslizem vagarosamente, etc e tal..." Funciona.

10| Antes da noite de autógrafos mentalize umas 5 frases-base, pra você ficar alternando nas dedicatórias. Funciona que é uma maravilha.

11| Nunca coloque uma cadeira na frente ou nas proximidades da sua mesa, você, que está autografando. Muitos incautos, por distração, sentam numa dessas cadeiras e começam a puxar papo com o(a) autor(a), e aí a fila não anda.

Espero que Chico Buarque, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e outros tímidos menos famosos leiam este artigo e saiam por aí de livro na mão perguntando: vai um autógrafo aí?

lucas virgolino

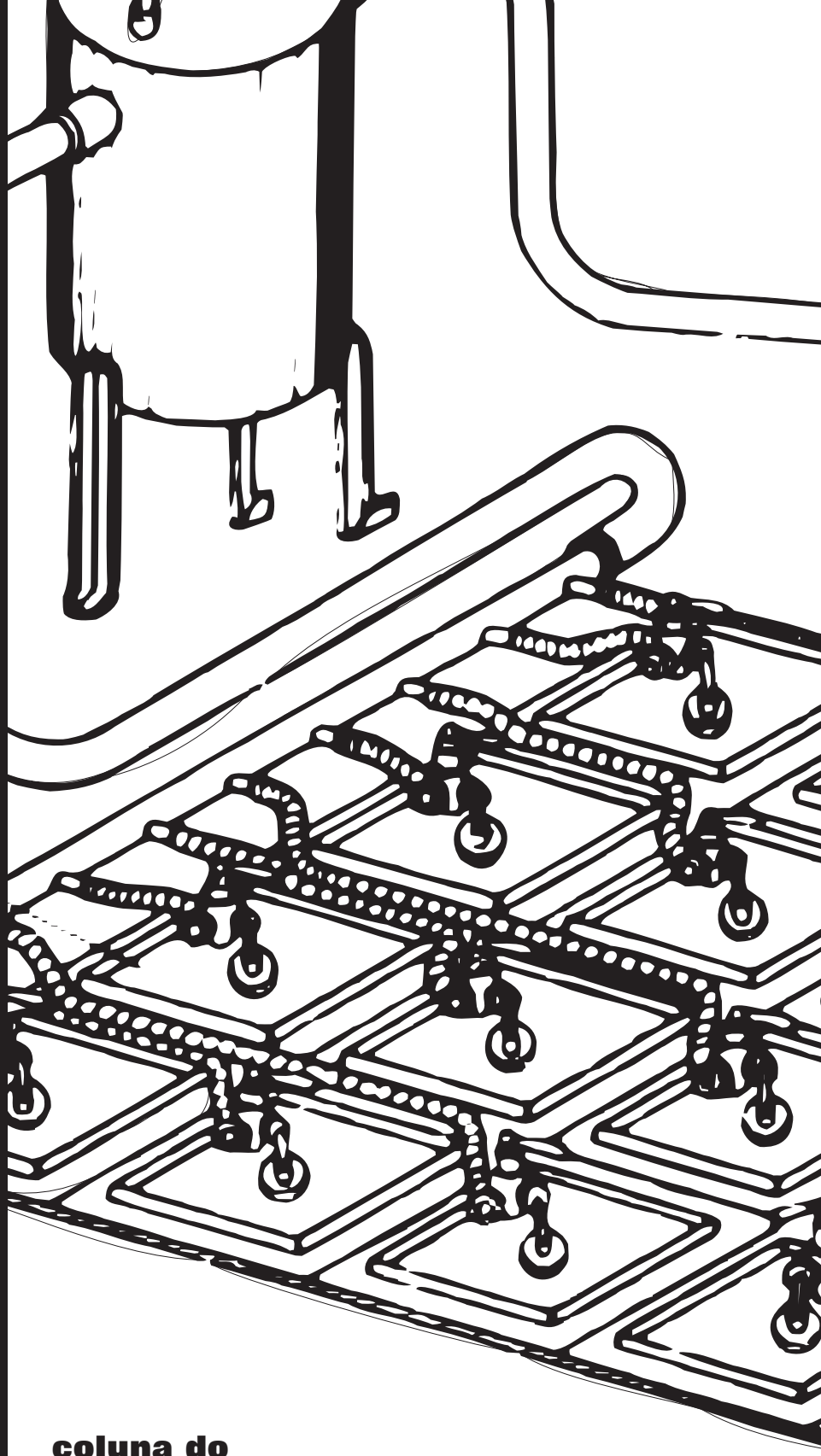


Por incrível que pareça, quem "descobriu" Henfil foi o finado jornalista e escritor Roberto Drummond, quando, em 1963, editava a revista Alterosa. Num raríssimo momento em que, cabotino que só ele, não babava no próprio umbigo, chamou-lhe a atenção o traço conciso, nervoso e ágil de Henriquinho, então funcionário de um burocrático departamento da revista. Pagando-lhe um bocadinho a mais, promoveu o tal moço a desenhista, e cortando umas letras aqui, juntando outras acolá, rebatizou Henrique (de Souza) Filho como Henfil.

Sem vislumbrar belos horizontes na imprensa mineira, mudou-se para o Rio, para trabalhar no Jornal dos Sports, no qual criou diversos personagens, dos quais o mais consagrado foi o fanático "Urubu", inspirado na mascote do Flamengo (seu time de coração, diga-se).

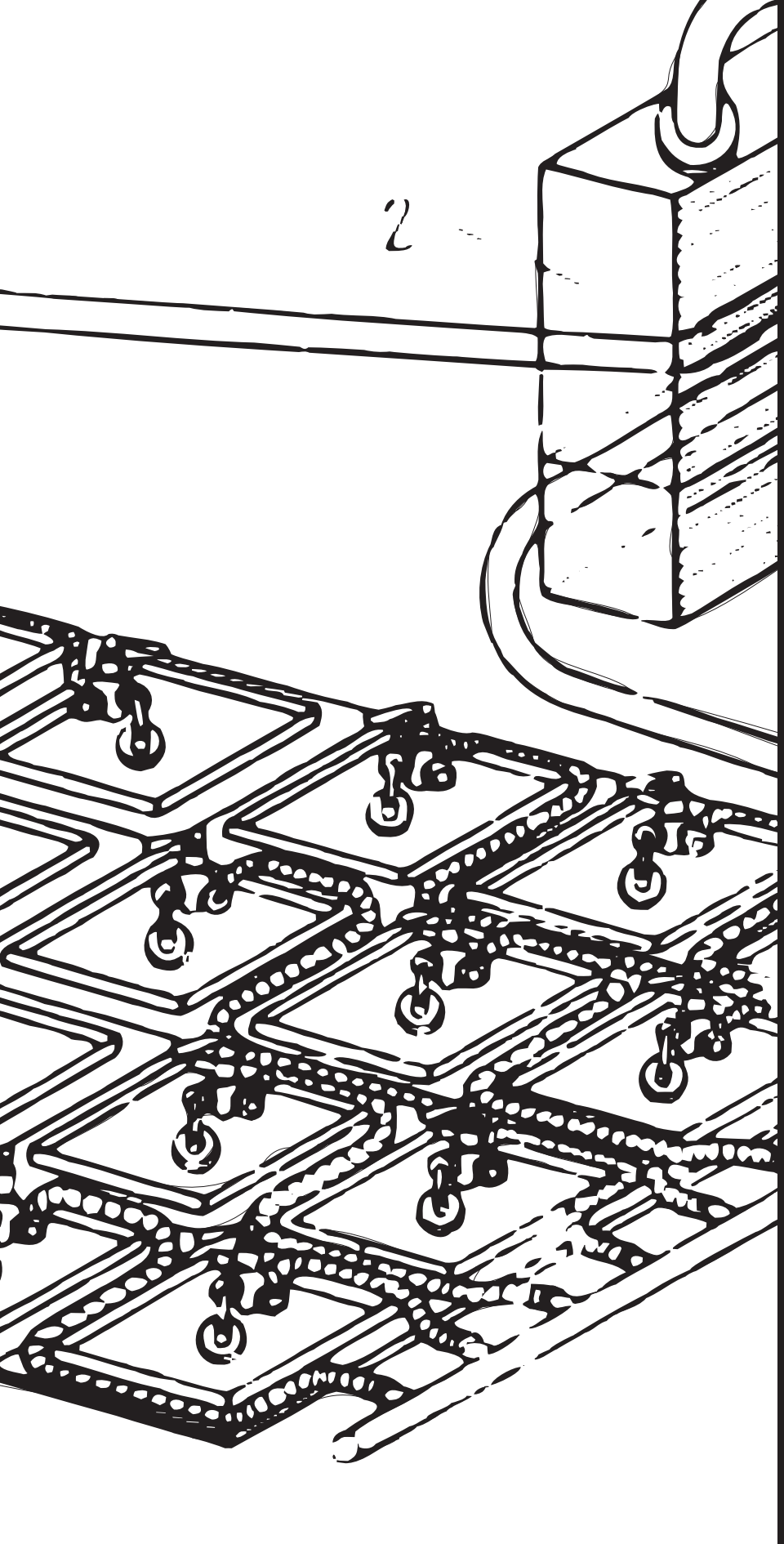
Começou a desenhar para o lendário Pasquim a partir do número 2 deste. Suas tiras dos "Fradinhos", a princípio, eram publicadas sem destaque, mas não tardaram a ocupar mais e melhores espaços no jornal. Destacar-se em meio àquele time de craques do Pasquim não era tarefa para qualquer um, mas Henfil, na precisa avaliação do cartunista mineiro Nilson, "era uma usina atômica de criatividade" e também de produtividade, digo eu, pois quando 90% da patota do Pasquim foi para o xadrez da Vila Militar, ele e Millôr Fernandes, mais o cartunista Miguel Paiva e a secretária de redação, Martha Alencar, sozinhos cuidaram de 80% da produção do jornal (o restante ficando a cargo de colaboradores), assim garantindo a sua permanência nas bancas e, mais que tudo, deixando claro para os milicos que o Pasquim poderia até morrer (como eles queriam), mas morreria atirando.

Revolucionário em todos os sentidos, não aceitava a alienação de quem quer que fosse, durante o tenebroso período da ditadura. Os que teimaram manter-se em confortável indefinição, mais aqueles que, de um jeito ou de outro, colaboraram para a manutenção do terror, Henfil mandou para o "Cemitério dos Mortos-Vivos", uma de suas criações no Pasquim, deixando-os aos cuidados do Cabôco



coluna do

pirata z



Mamado". A seguir, uma pequena lista de zumbis que lá estiveram: Gilberto Freyre, Bibi Ferreira, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Elis Regina, Roberto Carlos, Wilson Simonal, Pelé, Zagalo, João Havelange, Sílvio Santos e Hebe Camargo.

A atitude que cobrava de todos em favor da liberdade e da democracia esteve sempre impressa em seus traços e textos, e, depois, encarnada em sua orgânica e intensa militância no movimento pelas Diretas Já.

Henfil foi um dos primeiros a falar em direitos do consumidor. Através das "Pragas do Pasquim", denunciava produtos e serviços vagabundos, incitando os leitores a fazerem o mesmo. Seu gênio inovador, porém, não se limitava aos conceitos sociais, artísticos e intelectuais, estendendo-se, igualmente, aos meios de expressá-los. Foi dos primeiros artistas multimídia de que se tem notícia. Além de quadrinista e jornalista, foi escritor, cineasta e apresentador de tv, participando, no início dos anos 80, do programa TV Mulher, da Globo não se assuste: o homem preservou a rebeldia e o humor anárquico comuns aos seus trabalhos tanto em publicações independentes quanto (inclusive e especialmente) em outros veículos igualmente caretas que já publicavam suas tiras da Graúna (**J**B) e suas Cartas para a Mãe (IstoÉ). Do jeito dele, ou nada.

Coincidentemente, Henfil e o Pasquim começaram a agonizar juntos, em meados dos anos 80. O Pasquim, pelos constantes rachas internos que o dissolveram até sobrar apenas o Jaguar, que ficou para pagar os papagaios tomados em bancos e apagar as luzes; já Henfil, pela AIDS contraída em uma das muitas transfusões de sangue a que se submetia por conta de sua hemofilia. Em 4 de janeiro de 1988, morreu Henfil.

Certa vez, perguntaram-lhe se tinha medo de morrer. Já se sabia aidético, estava meio deprimido pelo abandono de muitos de seus amigos, mas sua resposta foi um exemplo (mais um) da resistência, da coragem e do humor comuns ao seu trabalho e à sua pessoa:

– "Medo, não – eu tenho é ódio de morrer."

reuben

A única porta no corredor.

Atrás da porta, entre quatro paredes pintadas de amarelo-mangaba, sob um teto e três lâmpadas fluorescentes, o campo.

(hipertexto: campo: estrado; planície coberta de grama. Eventualmente, árvores)

Lápides fendendo a grama. Nenhum anjo. Mínimo concreto.

As inscrições tumulares têm datas e epitáfios, nenhum nome.

Pás penetrando o chão.

Três garças em roupas brancas e bicos amarelados de cigarro ou café cavam, uma família espera. Pai e 4 filhos, eu suponho, esperam. Suponho que sejam pai e 4 filhos ao invés de outra coisa, e não que esperem. Que esperam não é difícil saber, qualquer um saberia. Saberia que esperam, não que não seja difícil saber que esperam. Etc.

Pai e 4 filhos, eu suponho, esperam pelas garças que os desenterrem.

p/ Ananda

Crianças jogando cartas sobre o cadafalso, à entrada da Casa.

Elas inventam uma espécie de sol, dissolvendo no mar imaginário, atrás de outras casas.

A criança menor acaba a partida. As demais choram.

As demais choram e se debatem bastante, até perderem os membros debatidos.

(cada criança pode reclamar pelo menos três membros perdidos, se for o caso de contabilizá-los)

Depois a espancam (a criança menor. As maiores espancam a criança menor) e violentam (idem) com os membros debatidos, enfiam as cartas em sua boca.

À exceção de duas (cartas), enroladas em tubos (as cartas), enfiadas uma em cada narina.

Latejando sozinha sobre o cadafalso, a criança menor. Limpa cada carta, confere o baralho. Para se distrair, desenha com as cartas a cara de um velho coringa. No meio da boca escreve: sobreviva-me.

A noite sobe.

O coringa vai com o vento.

O VAZIO DA POESIA AVAGA

estranho
ser
de
outro
céu

ta
tua
me o
teu
fulgor

tela
flamante
se
gravo
amor

êxt
ase
tác
til
etc

eva

subl

tudo

sobr

eva

E X T R
N T E

francisco kaq

ela é
a mais
terráquea
erosrara
se enr
ola em
meu cor
ação acel
erado der
rama-se
ela erra
aléias en
quanto eu
balbucio
em seu
lóbulo yo
liebe love
ela co
meu coraç
ão babel
replico
uma nota
só: liubliú
eis tudo

corpo
entre
corpo
laça

entre
alma
alma
olha

inter
corpo
cala
algo

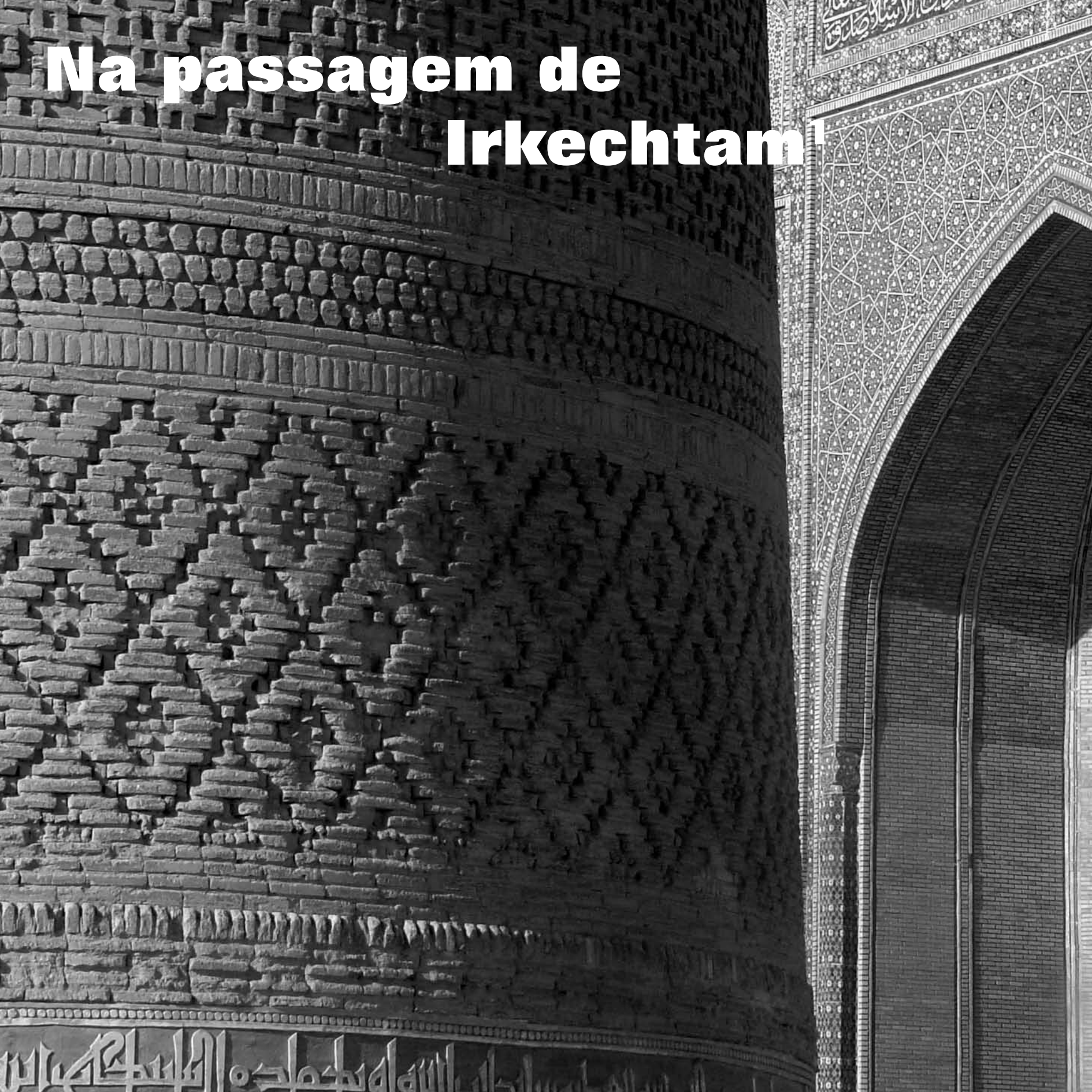
alma
entre
corpo
tem-se

corpo
inter
face
alma

ex
tranhos
alma
corpo

entram
se

Na passagem de Irkechtam



guilherme wisnik

fotos | elaine ramos

[1] Relato de uma viagem feita entre setembro e outubro de 2004 às ex-Repúblicas Soviéticas do Uzbequistão e do Quirguistão, e à província autônoma do Sinkiang Uigur, na China.

|1|

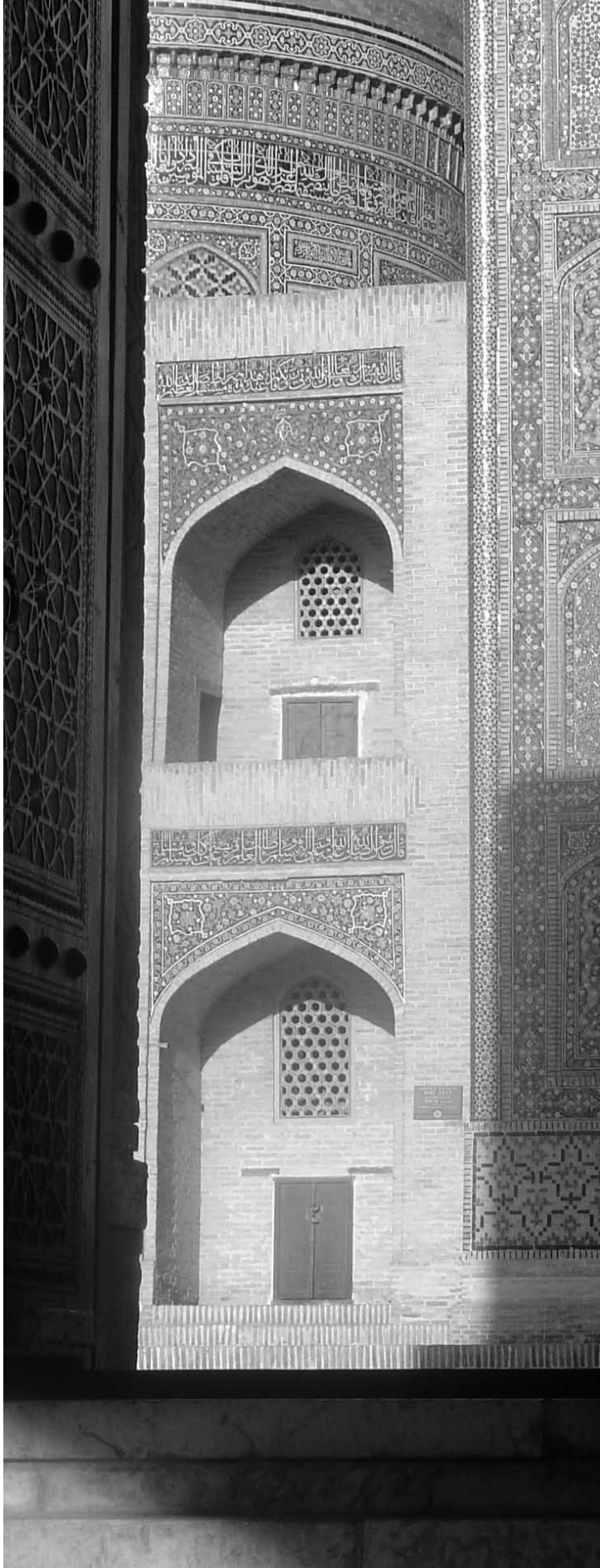
Estamos sentados há mais de uma hora. Em volta, nada se mexe. Já resignados com a espera inevitável, encontramos um pequeno promontório de pedra, que agora serve de assento justo para dois. À nossa frente, estende-se uma fila de caminhões entulhados de ferro-velho que faz a curva na estradinha, serpenteando a montanha, e perde-se atrás dela. Tudo está tão tristonhamente parado que eu não me espantaria se o primeiro sinal de movimento pelo qual esperamos angustiosamente partisse antes das montanhas geladas que daqueles caminhões decrépitos, que agora parecem engatados uns aos outros, como vagas de um único trem que já consumiu por baixo de si os seus antigos trilhos. São toneladas de ferro sobre ferro acumulando-se no lombo de suas carrocerias: desde grades e grelhas, e portões domésticos, retorcidos, ou peças de demolição, até maquinários pesados correntes de engrenagens, tubulações de aquecimento a gás, tambores industriais, caçambas de lixo, patas de escavadeiras, trailers, latarias de automóveis, cabines de trator , e mesmo pedaços ainda reconhecíveis de carrocerias de outros caminhões. Nenhum graveto no chão pedregoso da estrada, que a essa altura, ou altitude, só conhece a vida mineral das coisas, seu sono rancoroso, sob o alaranjado incandescente cor zarcão que, por contradição, volta a ter o ferro quando morre, cor de couro vivo, como se diz, ou de lesma que derrete com o sal.

O sol começa a inclinar-se e o meu relógio ainda marca meio-dia e meia, embora do outro lado da fronteira sejam duas horas a mais. Do meu assento, de costas para ela, miro por acaso a direção do poente, para o caminho que trilhamos até aqui, e me pego em pensamentos esparsos, em balanços retrospectivos da viagem, provocados talvez pela quebra forçada na marcha sempre em frente para leste. Na distância, montanhas mais baixas são pardas, e não de neve reluzente. Nestas eu me fixo, e demoro o olhar que vai alisando seus cumes e flancos sem espessura. Elas são lisas e claras, com focos escuros localizados onde se concentram pequenos relevos rochosos, que irrompem como brotoejas indicando a presença, ali, de algum volume. Mas a meu ver aqueles maciços de pedra não podem ser senão elevações planas, sensação que aumenta à medida que os observo demoradamente, numa vertigem estranha, inversa, que não vem da profundidade ou da altura, mas, ao contrário, da superfície chapada, que parece abolir a perspectiva que intermedeia e dá medida às coisas. Olhando por mais tempo, percebo um halo de luz muito claro nublando, como um sfumato, o perfil dessas montanhas. Rebaixadas por um filtro pardo sem cor e sem contorno, elas estão amortecidas na distância, e parecem muito mais longínquas do que o céu, intenso e luminoso, que pula à frente delas e vem ter conosco.

Estamos quase no topo da travessia do Pamir, a cordilheira conhecida como "o teto do mundo", ou "o pé dos deuses", e eu não sei se é o ar rarefeito ou o efeito de algum descolamento metafísico que, ao mesmo tempo que aumenta a nitidez do mundo visível, empurra-o para uma sonolência férrea. Agora, enquanto os caminhoneiros dormem dentro de suas cabines, nós mantemos a vigília, magnetizados ao redor da tarde por um vagar letárgico mas reflexivo, esforçando-nos para suspender, mesmo que por instantes, a aflição da situação incerta na qual nos encontramos, e nos deixando entregar, por isso, ao tempo próprio e propício das coisas pesado e vagaroso, mas acima de tudo palpável. Afinal, ¿não é esse o sentido mais íntimo das viagens: ver o tempo estancar diante de si a ponto de poder retê-lo?

|2|

Há, no planisfério, uma região onde o desenho dos países se contorce num funil ziguezagueante, parecendo sofrer a ação centrífuga de uma força que os atrai e absorve num ponto. Esse buraco negro, embora dificilmente localizável, dispara reações de longo alcance ao redor de si, movendo, à distância, enormes maciços rochosos, desviando o curso de rios, criando desertos. Nas suas proximidades



imprecisas, tanto as linhas políticas de fronteira quanto as formações geológicas vão se estrangulando em feixes convergentes, em diagonais sinuosas, tremendo vacilantes como um ponteiro de bússola desnorteado com a proximidade de um campo magnético muito intenso.

Se nos acercarmos a essa região nebulosa pelo flanco ocidental, podemos identificar reflexos dessa reação em cadeia já na costa africana, no vértice pontiagudo da Península dos Somális, em sua diagonal incisiva apontando para nordeste, que se replica e enfatiza na forma da Península Arábica, sua vizinha. É curioso notar como a elegância esbelta do continente africano se deforma ao atingir o hemisfério norte, abrindo-se num leque manco, assimétrico, que descortina horizontes inversos a ocidente e a oriente. Enquanto de um lado, a oeste, alarga-se numa curvatura longa e generosa, como um molde ou contra-molde sem arestas da costa brasileira, de outro, a leste, eriça-se abruptamente na ponta da Somália, formando o Golfo de Áden que interrompe o movimento descendente que vem do Sinai, pelo Mar Vermelho, remetendo-o num volteio inclinado para cima, Arábia afora. Esta, freneticamente impulsionada na mesma direção, comprime com um "chute" o litoral iraniano, afundando-o num pequeno trecho. Forma-se, assim, o Estreito de Hormuz, uma reentrância continental que permite ao Golfo Pérsico comunicar-se com o oceano, escoando para o mundo as torrentes ancestrais do Tigre e do Eufrates. Mas prossigamos em nosso percurso: tamanha é a força inercial desencadeada no sentido nordeste, que a cadência lateral de descida que vem dos Montes Zagros pelo continente, ecoando o Cáucaso, é decisivamente retorcida num redemoinho ascendente, numa síntese que vem formar os impetuosos contrafortes do Hindu Kush, nas linhas de força que definem os limites do Paquistão e do Afeganistão eis aí a nossa primeira aproximação. Ali adiante, um pouco mais além da Caxemira, esses limites tênues vão definhando, dilapidando-se em profundos cânions e precipícios, como o desfiladeiro Khunjerab e o passo do Khiber o "portão imemorial" de Alexandre. Ou, ainda, no extenso e estreitíssimo corredor Walkan, que dois elefantes juntos não conseguem atravessar.

Se continuarmos essa ronda paciente em sentido anti-horário, toparemos, ao sul, no eixo central de toda essa movimentação, com a Índia: axial e soberana, base sólida para uma coroa de medusa. Ao longo desse eixo vertical, seu robusto corpo territorial, com a força geográfica de um subcontinente fortemente desenhado pelo litoral, vai se rarefazendo lentamente acima do Punjab, como uma serpente encantada que se desintegra enquanto galga, levitando, os penhascos íngremes do Himalaia.

Prosseguindo, mais a leste, toda a morna dispersão equatorial das ilhas de Java é,

de repente, rotacionada para noroeste em Sumatra. Rotação súbita que pode ser tomada como a oculta razão de existência da península malaia, que, a partir daí, sobe esguia, junto com as monções, rumo à Indochina. Graças a essa energia de atração, países como Vietnã, Laos, Camboja, Tailândia, Birmânia e Bangladesh, se empilham uns sobre os outros, escorando-se mutuamente numa diagonal instável. No entanto, a atração irresistível que essas linhas de força sofrem no sentido noroeste não impede que elas tenham, ainda, que se desviar, deslocando-se num movimento improvável para norte, de sorte a contornar as muralhas do Himalaia. Assim, todo aquele movimento incisivo de subida que nasceu em Sumatra, vai se comprimindo ao mesmo tempo que se condensando na enevoada garganta do Junling Bainkara, onde nascem os rios Mekong, Preto e Vermelho. Após esse contorno estratégico, uma ousada manobra a ocidente compensa o desvio anterior, completando-o, e permite atingir-se o solitário chapadão tibetano por cima, através da Cordilheira Cuenlun, que ao correr para o Pamir vai morrendo dramaticamente nos despenhadeiros vertiginosos da passagem Caracorum.

Já no extremo oriente, a concavidade leve e graciosa do arquipélago japonês concha gentil que retém e acolhe o mundo, a ocidente , entra em espiral em Aleksandrovsk, no mar de Okhotsk, ao encontrar-se com o movimento enervado dos montes Da Kolima e Stanovoi, que correm decididos dos confins do estreito de Bering rumo ao sudoeste. Essa espiral sinuosa e descendente, a partir daí, vai definindo os limites setentrionais que cortam o "negro coração" asiático, separando o planalto mongol e o deserto dos tártaros, como hordas convulsionadas que atravessam a galope as areias do Gobi e as estepes cazaques para mergulhar, já mais ao sul, nas falésias escarpadas do Altai e do Tienchan, num cul-de-sac que pende novamente para leste, revolvendo-se em refluxo numa tempestuosa contra-correnteza continental.

Fechando o cerco, a noroeste, as linhas diagonais que delimitam o Turcomenistão e o Uzbequistão contrariam a impávida ortogonalidade dos Montes Urais, iniciada mais acima nas ilhas da Nova Zembla, no Círculo Ártico. Como que a buscar as nascentes cristalinas dos rios Oxus e Iaxartes, que irrigam suas planícies áridas, esses países vão sendo tragados em lentas derivações a sudeste, afunilando-se no precário contorno dos minúsculos e montanhosos Quirguistão e Tadjiquistão, como um novelo de seda que se desfia ao mesmo tempo que se embrenha, em movimento entrópico, ocultando-se em si mesmo.

|3|

A fronteira vai abrir às três, me asseguram os caminhoneiros. A essa promessa não oficial, mas informal, nos agarramos como a uma verdade suprema, fazendo dela nosso elo com o futuro. Nuvens no céu talvez ajudassem a empurrar as horas para a frente, mas a única força em ação no momento não é capaz de mover as coisas. Ao contrário, é uma onda surda e estacionária que a terra devolve em reação ao peso, e que consegue, por isso, manter equilibrados os caminhões mal acomodados nas curvas fechadas da estrada. É curioso pensar que vimos esse cenário ser montado, peça por peça, algumas horas atrás. E no entanto, agora, essa paisagem não pode ser outra coisa senão eterna.

Chegamos ao primeiro posto de fronteira no horário que Daniyar havia previsto ontem de manhã, ao deixarmos Osh. Aperto a mão de Valodiya, nosso motorista russo, para nunca mais. Um sorriso duro, olhando para o chão, e um cumprimento daqueles que parecem implodir os ossos dos dedos. Dali em diante, estamos por conta, isto é, na carona de um caminhão de ferro-velho. Entre um lado e outro da fronteira, estende-se uma faixa neutra de segurança, uma porção de terra sem pátria, onde ainda estamos.

Restam sem resposta, no entanto, as questões fundamentais: saber o quanto falta para chegarmos ao outro lado, e, também, se esse trem fantasma adormecido, à nossa frente, vai conseguir reengrenar, um dia, em algum movimento.

Mais à frente, no início da fila, um caminhão entalado na curva que inicia a subida da serra solta no ar uma fumaça preta. Homens operosos não param de amarrar cordas em volta da carga, e a minha impaciência agora se alimenta da evidente contradição entre o problema que eles se dedicam a resolver, e o fato de aquele caminhão estar quebrado, ou entalado na curva, atravancando o nosso caminho. Do lado de cá, nossos novos amigos, já acordados, dividiram pão e ovo conosco, e explicaram, gesticulando, que a fronteira está fechada para o almoço dos funcionários.

A cada minuto que passa, uma saudade ansiosa vai preenchendo de angústia o vazio da espera. Está claro, agora, que os mil quilômetros que separam Tashkent de Kashgar a extensão de nossa viagem não são mensuráveis em padrões convencionais. Ademais, o significado exato dessa travessia, para mim, sempre esteve ligado ao desejo secreto de flanquear, de surpresa, o limite final entre o ocidente e o oriente, tomá-lo de assalto, o que, é claro, requer uma contagem mais paciente de tempo e distância.

Do lado de lá eu antevejo , está o deserto do Taklamakan, cuja mística de lugar inóspito e impenetrável é alimentada pelos relatos de exploradores europeus que, desde o século XIX, desenterraram o tesouro perdido das cavernas dos budas. Taklamakan, nos dialetos turco-mongóis, quer dizer mais ou menos o seguinte: “você entra e não sai”. Mas aqui, na ante-sala do deserto, nessa quarentena na qual a sorte teima em nos manter cativos, mas despertos, não sei dizer se a dificuldade que temos é ainda a de entrar, ou, já, a de não poder sair. ¿Não teremos nós, no demorar distendido do tempo em que estivemos aqui sentados, atravessado já, sub-repticiamente, a fronteira final do oriente? Penso em “À espera dos bárbaros”, de Kaváfis, e em como o tempo da espera pode engendrar subliminares mudanças de estado, ou esconder, com promessas, transformações já processadas antes, em silêncio.

No ar, um ruído áspero e monocórdio de corrente elétrica preenche o espaço com uma matéria vibrátil, dando a impressão estranha de haver um rádio fora de sintonia plugado em alta voltagem. Massa espessa e amorfa, de cuja freqüência alheia a nossa mente, tão atavicamente resistente e desviante, quando distraída, insiste em extrair trechos ocultos de melodias reconhecíveis num átimo, ou extratos longínquos de versos nunca feitos, e que parecem desvendar, a cada segundo, sentidos novos para uma viagem assim. De costas para ela, me encontro, de repente, com a verdade mais

simples: se cheguei até aqui e agora vejo que cheguei , não foi por outra motivação, que não a de estar inteiramente com ela.

|4|

De ocidente a oriente, em torno da latitude 40º norte, o mar vai secando. Ecos descontínuos do Mediterrâneo, o Negro, o Cáspio e o Aral, praticamente alinhados, formam, a leste, uma seqüência decrescente, em que o mar, agonizante, vai cedendo à lenta vastidão ruminante da terra. E, à medida que se alargam as extensões continentais, a estepe é que domina o espaço. A estepe é a imensidão sem margens, o grande corredor da história, o lugar da transumância e das trocas culturais e econômicas, atravessado continuamente por árabes, citas, persas, mongóis, turco-chagatais, partas, uigures, e uma infinidade de outros povos esquecidos, como os kuchanos, o elo perdido entre as figurações helênica e búdica. É a "pátria" sem fronteira das tribos nômades e dos cavalos de guerra, que pisoteiam seus inimigos enquanto avançam, montados por arqueiros perfilados que atiram para trás. É o chão pedregoso, enfim, cruzado por lentas caravanas, velas infladas ao vento, levadas pelas tempestades de areia. Mas é também, se quisermos, o território cambiante de outras caravanas, imóveis, que nunca passaram. Naus soterradas no tempo, como cidades que a memória apagou antes de construir.

Isolado nas alturas do Tienchan, o lago Issyk-Kul é, para mim, a quintessência do Mediterrâneo: seu eco mais distante e, ao mesmo tempo, sua depuração. Um espelho radioativo devido aos testes nucleares soviéticos que parece segredar, em seu brilho cego, que o movimento humano que por tanto tempo circundou as suas margens, é agora um curso subterrâneo, esquivo, que não encontra a luz.

Intensissimamente radiante, a sua cor turquesa é, evidentemente, o referente natural mais próximo das mesquitas de Samarcanda, cujas cúpulas parecem contestar a monocromia parda e monótona do mundo à sua volta. Como porções infladas de céu que brotaram na areia, elas são afirmações agressivas de algo que nos escapa na essência, embora possamos admirar. Seus frontões sem fundo, portais gigantes sulcados por ogivas rasas, como num baixo relevo, apenas demarcam uma presença ereta no espaço aberto. Igualmente, suas cúpulas e minaretes oscilando entre o verde e o azul vitrificados, existem unicamente para brilhar na paisagem, e não para criar ambientes internos. Ao contrário do que acontece na basílica romano-cristã, onde a seqüência de domos translúcidos dá às construções o seu caráter diáfano e uterino, aqui não é possível falar em interioridade. Mesmo porque, não se constituiu a noção

de indivíduo, tal qual nós a conhecemos.

A cidade, antes, se assemelha a um agrupamento transitório pontuado por monumentos exuberantes. Isto é, não deixou de ser um acampamento no deserto, com todas as suas jóias, brocados, especiarias e tapetes expostos. E suas cúpulas, assim como o Issyk-Kul, replicam o céu em fragmentos brilhantes: azul sobre azul, cobalto sobre esmeralda..., recordando, de longe, o mar ausente, como "corais no deserto", na imagem feita por Joseph Brodsky.

Nós, americanos, estamos na ponta final das caravanas. É claro que eu não me esqueço disso, aqui, um minuto sequer. Nós somos a caravela que se lançou ao mar e deslocou, consigo, as rotas de comércio, e, com estas, o eixo do mundo. Nossa existência é inseparável do mar, e parece miticamente ligada, pelo avesso, ao impulso de Alexandre, que atravessou toda essa lenta imensidão terrestre em busca da Corrente-do-Oceano, o Nilo, que o levaria de volta ao Mediterrâneo. Por isso é que hoje estamos aqui, procurando um recado esquivo, colhido de passagem, no brilho azul de um céu sem nuvens.

|5|

À espera de um sinal. A inócua operosidade em torno do caminhão entalado parece não ter mesmo finalidade. Mas agora, no alto do morro em frente despontou um guarda, que começou lentamente a descer pela estradinha e sumiu. Depois, apareceu outro, acompanhando um casal, aparentemente ocidental, até um mirante na metade da serra. Lá estancaram, e ficaram um bom tempo olhando para baixo, protegendo os olhos com as mãos, entretidos em alguma conversa que nós não pudemos alcançar. ¿Vieram nos resgatar? Tentei acenar, estabelecer uma cumplicidade gestual, como quem faz sinal de fumaça na clareira. Mas não adiantou. Só que, desperto pelo princípio de movimento que veio do lado de lá, resolvi me levantar. ¿Terá terminado o almoço dos guardas? Andei um pouco ao redor, e decidi subir mais um tanto no caminho de pedra atrás de nós, de modo a tentar enxergar algo adiante. Nesse momento, para aquele guarda lá em cima, ou mesmo para o casal ocidental, eu era uma figura em deslocamento. E, de repente tive receio de que aquele mirante fosse um posto avançado de tiro, de caça esportiva aos motoristas de ferro-velho, e que aqueles turistas estivessem ali apenas esperando algo se mover no horizonte para alvejar. Talvez por isso é que estejam todos, por aqui, tão sonolentos e inertes: tática de sobrevivência.

Mas, na verdade, eles estão absorvidos na espera diária de travessias sem ida nem

volta, sem noite nem dia, transportando despojos de uma cultura material esgarçada, que do lado de lá são comprados a preço de nada, para serem processados e transformados em metal novo, em aço laminado. Estamos no entroncamento das rotas por onde antes circulava a seda, e para onde hoje confluem as estradas que trazem caminhões de todos os países vizinhos. Eles partem, às vezes, de pontos longínquos do território, e vão chegando aqui lentamente para se fundirem uns aos outros em um magma espesso, formando essa cidade contingente nas alturas, uma comunidade transnacional a que passamos a pertencer. Vendo-a, agora, com um certo recuo, posso entrever também, no cume do morro em frente, o topo de uma casinhola de madeira, e o primeiro tremular solene da bandeira vermelha com uma estrela amarela no canto, circundada por outras quatro menores, em semi-círculo.

|6|

Não há tempo de explicar tudo o que se passou. Estamos descendo as encostas chinesas do Pamir em desabalada carreira. Como n'O anjo exterminador de Buñuel, cruzamos o portal sem uma permissão clara, sem que alguém viesse anunciar que a fronteira estava oficialmente aberta. O táxi que vai nos levando para Kashgar, sem embreagem, não consegue trocar a quarta marcha. Vamos acelerando fundo nas descidas para ganhar sobrevida nas subidas, buzinando alto para espantar as ovelhas, galinhas, cavalos e bicicletas que se aglomeram na estrada. A descida é vertiginosa, e só nos permite prender o fôlego enquanto nos concentramos na idéia obsessiva de
chegar. São quase nove horas da noite, mas o relógio, preso ao horário de Pequim, distante 4 mil quilômetros daqui, já não significa nada. Enquanto isso, as escarpas vermelhas e enrugadas de rochas imensas, como que lavradas por uma neve incandescente, vistas assim, sob o lusco fusco da tarde, vão confirmando a existência de uma dobra no planeta suposição que eu, seguramente, não serei capaz de comprovar. Mas por outro lado, pensando bem, ¿quem poderá refutá-la?

|7|

Ovos estralados como manchas de óleo sobre o campo, interligam-se por ranhuras que vão sulcando de leve a terra preta, fios longos e contínuos que a monotonia do deserto transforma em diagrama, em formas legíveis a olhos aéreos, no universo sempre imóvel recortado na janela. Ao mesmo tempo, o cabelo dela é uma geografia

indomável ao alcance da minha mão. Movimentando montanhas de um lado para o outro, vou construindo, para mim, percursos arredios em lente de aumento, em desenhos que apenas desencadeio mas não comando. Na sonolência do avião, a paisagem na janela e o rosto dela no meu colo são mundos equivalentes, que às vezes trocam de posição. Pálpebras, cílios, pestanas, minúsculos pontos pretos ao redor da sobrancelha, são inscrições secretas que vou analisando em detalhe, como um arqueólogo absorvido no convívio íntimo com vestígios do futuro.

Lentamente, o vôo vai nos levando para Tashkent, de onde seguiremos para o vale do Fergana, e depois para Osh, onde começa a travessia. Oscilando entre o instante fugidio do quase dormir, e o segundo infinitesimal que antecede o momento de acordar, vou olhando fixamente a paisagem na janela, as sombras que se alongam imensas por não ser existindo, e perguntando, para ela, em silêncio: ¿como será?

Temos em comum,
uma toalha bordada
fotos escondidas
uma data desmarcada
assuntos evitados

juntos cultivamos
uma raiva contida
mágoas alimentadas
a ferro, fogo e água

Para cada um restou
um nó na garganta
um aperto no peito
um estômago virado

temos sobretudo
esse imenso, memorável
decorado e incensado
nada de coisa alguma

mesmo sempre sabendo que
no dia que te conheci o mundo ficou da cor do
todos os momentos juntos eram exatamente como
naquele primeiro beijo eu senti que
cada espera tua dói como se
depois deste tempo ao teu lado eu vejo a

desde então
estou sem palavras

estrela lemiński

Que troço esquisito
que começa com para sempre
atravessa até que a morte nos separe
e termina com preferia nunca ter te conhecido?

Quanto mais se escreve
menos se diz
Se é menos que se diz
enriquece mais
Nada dito pode ser tudo
ou tanto faz

estou em dilema
isso é minha sina
ou meu lema?

DO PRECÁRIO

essa viagem
sem rota nem pouso,
esse flanar que tudo move em desatino,
segue irremediável curso,
sem repouso, promessa ou destino.

os movimentos escassos,
erguidos em torno do desperdício,
restam reticentes sobre os ombros,
ressoam como palavras ausentes,
esperando do atrito
a centelha do assombro.

há quem escolha a posição
dos ponteiros do relógio
e, fora de hora,
recolha seus escolhos.

há quem abrace tentáculos,
destranque a algema,
enxergue a miopia dos óculos,
e encha de cálculos
os versos vazios de um poema.

há quem escape por válvulas
ou canos de descarga,
descarregue em vulvas
invólucros de raiva,
repletos de ternura

SUPERFÍCIE

A têmpera
 gosto, cheiro, pensamento, cor e pega
que reveste o corpo,
basta.

O que escapa ao rente,
o que se quer dentro,
o que se esconde,
e não sabe o íntimo da pele,

e pensa que penetra
quando roça a superfície dentro,

e pensa que rasga
quando, adaga, resvala em água,

e pensa que o profundo encarna
quando o gozo aflora,

e pensa que a palavra funda
quando brota,

no fundo
é casca.

SONETO
a Haroldo de Campos

tua lavra em limite de derrumbe
crava no limbo dos olhos um templo
incandescido, lava monumento
imenso, céu-mar de ciclone irrompe.

nessa viagem farta para além,
que as galáxias escorram paralelas,
e mesmo de bem longe eu possa lê-las,
nos olhos das palavras que me lêem.

azeitado viés fundado em branco,
ovuláceo chão semeado vivo,
eviva tal transbordo ciclorrítmico.

a ti, poeta parlamonstro, eu uivo,
pleno dos excessos do teu eco,
fixo nas entranhas do teu livro.

fred
girauta

marcelo sahea

rascunho

casando com o acaso

cagesilence

METAMORFOSES

Já foi areia à beira da praia:
só recebendo
Ondas quebravam espalhavam
revolviam
aos frangalhos a devolviam

Já foi pedra entregue ao tempo:
cristalizando o olhar para dentro
Extrema concentração dos sentidos
existindo lento

Sua pele busca agora
um novo nascimento

Que receba tantas ondas
mas à prova de tormentos

Que concentre seus cristais
mas dando passagem ao vento

Que se esbalde nas fronteiras
mas conhecendo seu centro

Sua pele busca agora

MINUTO DE SILÊNCIO

Escuto

Com meus olhos
Com meu gesto
Com meu tempo

Oferecendo a todos
o silêncio mais atento

Para as vozes mais vorazes
o calar do instrumento

Aos ruídos mais ruidosos
longos ecos em lamento

Já que todos estão ávidos
pela fala fala fala

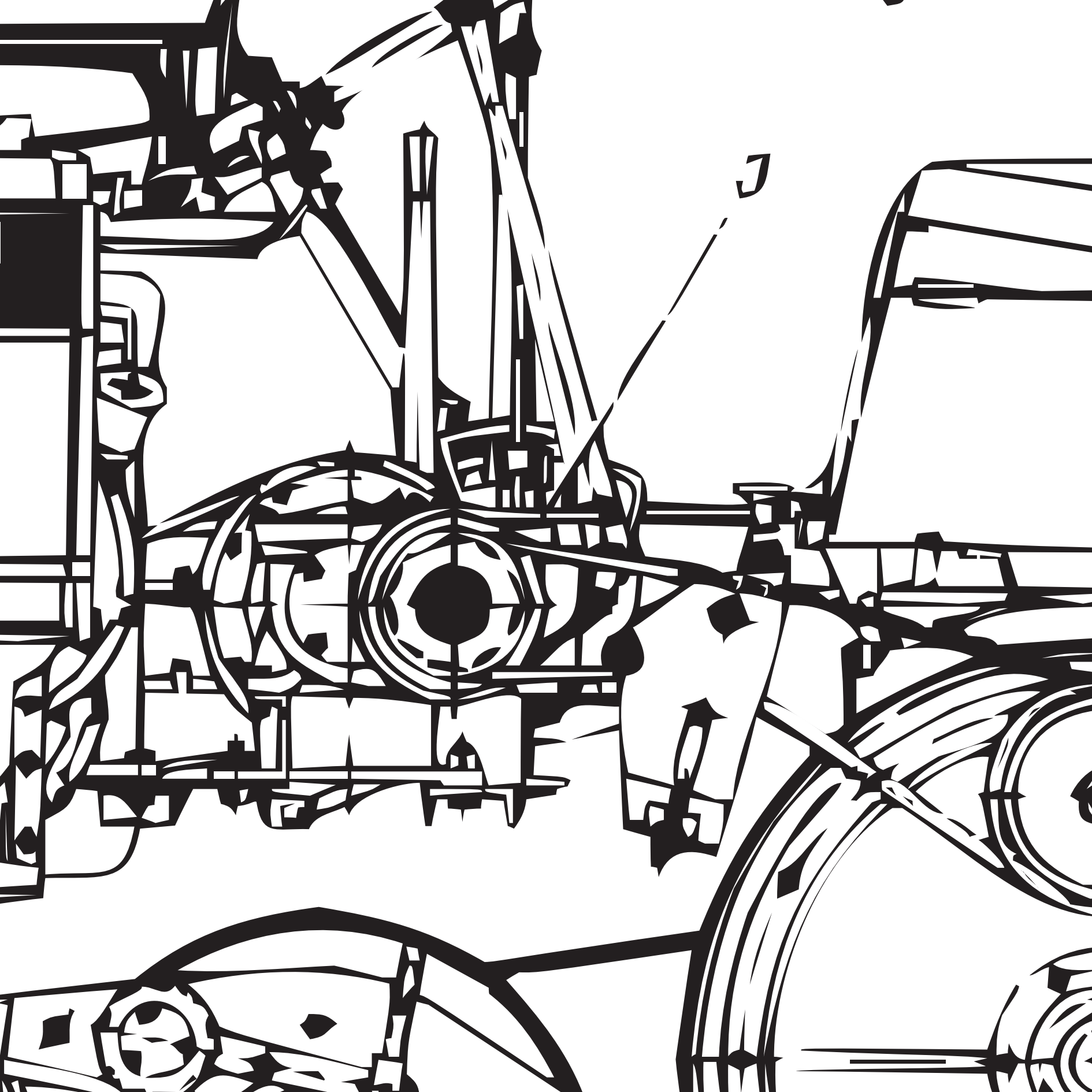
Peço apenas um minuto
de silêncio
silêncio

Um minuto de silêncio
pelo falecimento da escuta

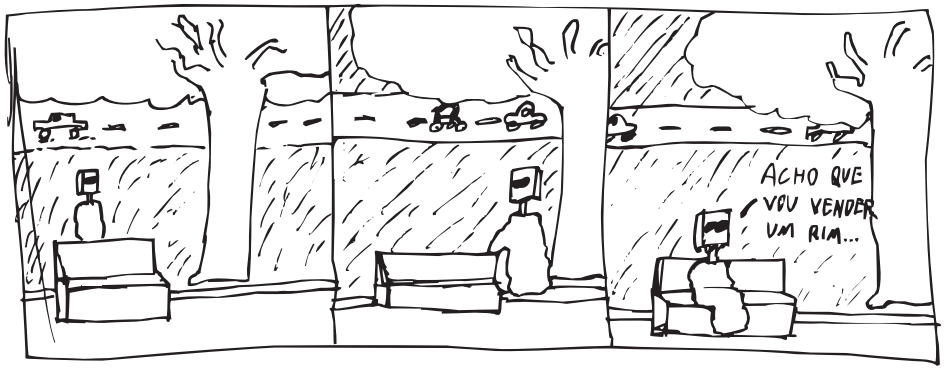
Pois que estão todos surdos
surdos
surdos

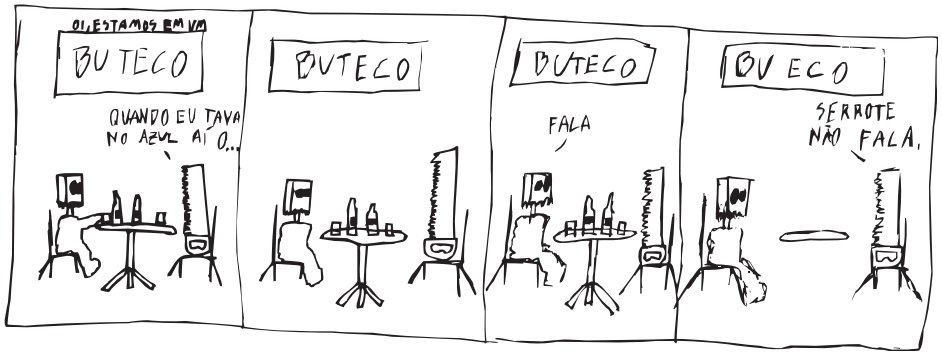
Todos surdos
Maritacas surdas

luciana tonelli


J

rafael alvarenga





M E N U

Amarildo Anzolin é poeta, compositor, roteirista, radialista e produtor cultural. Publicou eu também (livro/CD, 2003), única coisa (livro/CD/vídeo, 2000), e os livros igual (1998) e co-lapso (1995). Participou de exposições de poesia visual e de inúmeras performances poéticas, como o Free Zone (2001), além de produzir e apresentar o programa de poesia sonora "Verbivoco, o som e o sentido da linguagem poética", na Rádio Educativa do Paraná, na qual também foi programador musical entre 2000 e 2002. Atualmente é programador musical e também produz e apresenta os programas "Verbivoco, o som e o sentido da linguagem poética" e "Pedra Lascada", na FM Lumen 99,5.

Elaine Ramos é fotógrafa, designer e arquiteta formada pela FAU/USP. Atualmente trabalha como diretora de arte da editora Cosac & Naify. Alguns trabalhos seus podem ser vistos no site: http://www.artebr.com/elaine/index.html.

Estrela Leminski, pisciana legítima, nasceu em 81, em Curitiba. Dá aula de música para crianças, produz programas de rádio, toca bateria, compõe e é uma das idealizadoras do projeto musical Independência ou Sorte. Tem uma banda chamada Casca de Nós. Publicou seu primeiro livro, Cupido, cuspido, escarrado em 2004 (Editora Ameop), e estão no prelo um de prosa e poesia e outro sobre música independente (escrito em parceria com Téo Ruiz). Adora loja de construção mas odeia supermercado.

Francisco Kaq é autor dos livros de poesia Aresta/Hagoromo (Thesaurus, 1990), 1001 (Noosfera, 1997), Eu versus (7 Letras, 1999) e Poesia Aporia (7 Letras, 2002); tem publicado críticas e ensaios, em periódicos de Brasília, e realizado performances poéticas; escreveu dissertação de mestrado sobre o filme Limite, de Mário Peixoto, defendida em 2000 (UnB).

Fred Girauta, paulistano, doutorando em literatura comparada, mantém o site de poesia digital http://www.palavrorio.com e, em parceria com outros dois poetas, o blogue filosófico-poético-anárquico-aleatório http://triagem.blogspot.com. É autor do livro inédito de poesia para papel Olor de Olho.

Guilherme Wisnik é arquiteto, compositor e mestre em História Social, pela USP. É autor dos livros Caetano Veloso (Publifolha, Coleção Folha Explica, 2005), Lúcio Costa (Cosac & Naify, 2001) e O Risco - Lucio Costa e a Utopia Moderna (Bang Bang Filmes Produções, 2003), que contém roteiro do documentário que recebeu o prêmio do júri no Festival de Gramado, em 2003. Também é autor do ensaio "Modernidade congênita", incluído no livro Arquitetura Moderna Brasileira (London, Phaidon Press, 2004).

Karin Bianchini, natural de Curitiba/PR, do ano de 1968, clinica e leciona como psicóloga, modera grupos de pesquisa qualitativa, trabalha com pesquisa de marketing, realiza produção e logística de eventos, coleciona e confecciona bolsas e afins e, às vezes, também fotografa.

Lucas Virgolino nasceu em Boa Esperança/MG e atualmente vive no Recôncavo Baiano, onde trabalha na concessionária de energia elétrica do estado da Bahia. Fotografa como manifestação estética do olhar. Suas fotos podem ser encontradas no endereço http://esteticaotica2.nafoto.net.

Luciana Tonelli é poeta e jornalista. Integrou o grupo que organizou a Coleção Poesia Orbital (1997), de que participa com o livro Flagrantes do Poço. Na poesia, é de movimentos lentíssimos. Queima longo percurso dos afetos ao texto. No jornalismo, outra temporalidade, trabalha com cultura e vizinhanças. É do time dos que percebem hoje a escrita poética como oposta à escrita jornalística. É do time dos que se debatem na equação poesia/vida.

Marcelo Sahea é carioca. Poeta e diretor de arte, vive em Brasília/DF. Autor de 'ejs (e-book, 2001) e do livro carne viva (2003). Acaba de publicar Leve, seu mais recente volume de poemas. Atende no blogue Poesilha: www.poesilha.blogspot.com. Site pessoal: www.sahea.brturbo.com. E-mail: sahea@hotmail.com.

Mario Domingues é poeta e professor universitário. Em 2001, venceu o Concurso Nacional de Clipoemas e publicou o livro Paisagem Transitória (Ed. Ciência do Acidente). Vem publicando poemas, artigos e traduções em revistas como Medusa, Oroboro, Babel, EtCetera e Caligrama.. Atualmente organiza o projeto Porão Loquax, em Curitiba, destinado a performances poético-musicais.

Mario Teixeira é artista plástico e escritor. Vive em Belo Hoizonte/MG. Publica seus textos no endereço: diariodeummario.zip.net. E-mail: mariohteixeira@yahoo.com.br.

Nicolas Behr nasceu em Cuiabá, em 1958 e estudou o primário com padres jesuítas, em Diamantino/MT, onde os pais eram fazendeiros. Um dos principais nomes do movimento da poesia marginal da década de 1970, vive em Brasília desde 1974. Publicou, entre outros, Restos Vitais (reunião dos seus 5 primeiros livros de poesia, 2005), Poesília poesia pau-brasília (2002), Menino Diamantino (infantil, 2003) e Umbigo (2006), todos de forma independente. Site pessoal: www.nicolasbehr.com.br.

Pirata Z nasceu em Sampa, há 39 anos, mas mora em Minas, BH, há 29. Já foi jornalista (ninguém é perfeito, afinal), e como não tem onde cair morto - ou seja, um Z Ninguém -, mantém-se vivo trabalhando como zineiro, escritor, revisor e DJ. Produz, edita e publica, há 3 anos, a Pirata Zine, distribuída apenas por imeio. Cadastre-se (grátis) em seu blogue www.pirataz.blog-se.com.br.

Rafael Alvarenga calça 42. Visite: http://ubbibr.fotolog.com/homemdosacohq/ e www.bastardosminimos.blogspot.com. E-mail: rafalvarenga@gmail.com.

Reuben é poeta e ficcionista, mas não tem como provar. Nasceu na ilha de São Luis/MA, em 1984. Ainda está lá, por razões que desconhece. Mantém o blogue www.otrompetistagago.zip.net.

Ulisses Moisés vive e trabalha em Belo Horizonte. Integra o grupo de intervenção pública Pão Com Durex. Participou do Salão de Maio 2005, Salvador/BA; VII Bienal do Recôncavo 2005 no Centro Cultural Dannemann, São Félix/BA; III Fórum de Arte das Américas 2005, Belo Horizonte./MG. Desenhou na revista eletrônica Maguila nº 3 - BaseV Experiments e na revista colombiana 45/30 vol.2.

REVISTA DE AUTOFAGIA

n.1 - abr|mai|jun - 2006

EDITORES
Bruno Brum e Makely Ka

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Bruno Brum

LOGO QUARTA CAPA
Fred Girauta

CONSELHO EDITORIAL
Daniel Carneiro, Helena Brun, Renato Negrão e Renato Villaça

ICONOGRAFIA ADICIONAL
p. 03, 04, 36, 37 e 64| imagens obtidas a partir da manipulação de figuras extraídas do livro Road Making Machinery, de K. Abrosimov, A. Bromberg e F. Katayev. MIR Publishers, Moscow, s/d.

p. 19 e 22,| fotografias colhidas e escolhidas à vontade no aleatório da World Wide Web, em janeiro de 2006.

p. 67 | The Smiling Spider, 1881. Carvão, 49,5 x 39 cm, do francês Odilon Redon (1840-1916).

A capa foi feita a partir da combinação de fragmentos de fotos igualmente capturadas na WWW.

Uma publicação da Sêlo Editorial

revistadeautofagia@yahoo.com.br

(31) 3461-4561

DISTRIBUIDORA NAMARRA

www.namarra.com.br

Incentivo à Cultura Belo Horizonte Lei Municipal 6498/93

PREFEITURA BH TRABALHO PELA VIDA

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte